



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB**

Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS

Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

**EDUARDO PORTO DE MIRANDA MARQUES**

**NACIONALISMOS E INDEPENDENTISMOS NO REINO UNIDO:**

**um estudo a partir da análise política retórica**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (Uniceub).

Orientador: Professor Frederico Seixas Dias

**Brasília, DF**

**Outubro de 2020**

**EDUARDO PORTO DE MIRANDA MARQUES**

**NACIONALISMOS E INDEPENDENTISMOS NO REINO UNIDO:  
um estudo a partir da análise política retórica**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Frederico Seixas Dias

**Brasília, DF**  
**Outubro de 2020**

**EDUARDO PORTO DE MIRANDA MARQUES****NACIONALISMOS E INDEPENDENTISMOS NO REINO UNIDO:  
um estudo a partir da análise política retórica**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

**Aprovado(a) em:** \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**BANCA AVALIADORA:**

---

Professor Frederico Seixas Dias  
Orientador

---

Prof. Claudio Tadeu Fernandes  
Examinador 1

---

Prof.  
Examinador 2

*Dedico este trabalho aos meus falecidos ancestrais.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos funcionários e Professores do UniCEUB que auxiliaram em meu desenvolvimento intelectual.

Agradeço aos meus pais que me apoiaram.

Agradeço ao Professor Frederico Seixas Dias pela brilhante orientação.

*“[...] from the errors of other nations let us learn wisdom.”*

Thomas Paine

*“A man may die, nations may rise and fall, but an idea lives on.”*

John F. Kennedy

## RESUMO

Visando assinalar a importância do nacionalismo para nosso campo de estudos, este trabalho partiu do nacionalismo como tema geral, e como tema particular, de sua presença no contexto de integração europeia. Em um primeiro momento, trouxemos a conceituação contemporânea de nacionalismo procurando entender seus significados e sua relação com a corrente teórica realista das RI. Em um segundo momento, sob o contexto atual de ascensão nacionalista na Europa, buscamos entender a relação do *United Kingdom Independence Party* (UKIP) e do *Scottish National Party* (SNP) com a identidade nacional. Notou-se que os dois partidos independentistas tiram capital político de temas pertinentes ao nacionalismo, porém cada qual a sua maneira. Em um terceiro momento, após discutirmos um pouco sobre a formação da União Europeia (UE), e as similaridades e diferenças entre populismo e nacionalismo, nós apresentamos a análise dos discursos políticos do UKIP e do SNP partindo das abordagens interpretativa e ideacional. Verificou-se que o UKIP possui, não só uma visão populista, mas nacional-excludente. Enquanto que crenças como o anti-elitismo, o euroceticismo e a anti-imigração influenciam o nacionalismo do UKIP, o SNP apoia o multiculturalismo e a migração, a fim de "modernizar" o nacionalismo. Para o UKIP independência significa o povo se autogovernar e estar fora da União Europeia, protegendo sua soberania e sua tradição. Para o SNP, independência significa a possibilidade de adquirir a condição de Estado-Nação soberano dentro da União Europeia, aproveitando as parcerias internacionais.

**Palavras-chave:** Nacionalismo, Reino Unido, Escócia, União Europeia, Independentismo.

## ABSTRACT

Aiming to highlight the importance of nationalism to our field of studies (IR), this work started from nationalism as a general theme, and as a particular theme its presence in the context of European integration. At first, we brought the contemporary conceptualization of nationalism, trying to understand its meanings and its relationship with the realistic theoretical current of IR. Secondly, under the current context of nationalist rise in Europe, we deal with two nationalist political parties within the UK State system. We seek to understand the relationship of the United Kingdom Independence Party (UKIP) and the Scottish National Party (SNP) with national identity. It was noted that the two independence parties take political capital from themes relevant to nationalism, but each in its own way. In a third moment, after discussing a little about the formation of the European Union (EU), and as similarities and differences between populism and nationalism, we present the analysis of the political discourses of the UKIP and the SNP starting from the interpretative and ideational approaches. It was found the UKIP has, not only a populist view, but a national-excluding view. While beliefs such as anti-elitism, Euroscepticism and anti-immigration influence UKIP's nationalism, the SNP supports multiculturalism and migration in order to "modernize" nationalism. For UKIP independence means the people to self-govern and stay out of the European Union, protecting their sovereignty and their tradition. For the SNP, independence means the possibility of acquiring the status of a sovereign nation-state within the European Union, taking advantage of international partnerships.

**Keywords:** Nationalism, United Kingdom, Scotland, European Union, Independentism.

## LISTA DE QUADROS

Quadro1 - Comparação entre o UKIP e o SNP.....	84
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AfD – *Alternative für Deutschland* (Alternativa para a Alemanha)

BNP – *British National Party* (Partido Nacional Britânico)

NHS – *United Kingdom National Health Service* (Serviço Nacional de Saúde)

RI – Relações Internacionais

SNP – *Scottish National Party* (Partido Nacional Escocês)

UE – União Europeia

UKIP – *United Kingdom Independence Party* (Partido de Independência do Reino Unido)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. NACIONALISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b> .....	15
1.1 Historicidade fenomenal e conceitual do nacionalismo.....	16
1.2 Conceituação contemporânea de nacionalismo.....	18
1.3 Principais pressupostos do Realismo das Relações Internacionais.....	28
1.3.1 <i>Nacionalismo e Realismo: “primos que se beijam?”</i> .....	31
<b>2. PARTIDOS POLÍTICOS NACIONALISTAS NO REINO UNIDO</b> .....	42
2.1 Reino Unido e Brexit.....	43
2.2 <i>United Kingdom Independence Party</i> .....	44
2.3 <i>Scottish National Party</i> .....	49
<b>3. OS INDEPENDENTISTAS DA ESCÓCIA E DO REINO UNIDO</b> .....	55
3.1 União Europeia: Bloco na história.....	56
3.2 Populismo <i>versus</i> Nacionalismo.....	59
3.3 Material e metodologia.....	61
3.3.1 <i>Discursos políticos do United Kingdom Independence Party (UKIP)</i> .....	65
3.3.2 <i>Discursos políticos do Scottish National Party (SNP)</i> .....	73
3.4 Análise conclusiva.....	81
<b>CONCLUSÃO</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## INTRODUÇÃO

Um tema certamente em voga é sobre a “questão nacional”, como apontava Hobsbawm sobre a definição teórica marxista tradicional (HOBSBAWM, 1992). Pelo fato da natureza do nacionalismo ser inerentemente interdisciplinar, autores de diferentes correntes teóricas e de distintos campos do conhecimento acadêmico escreveram algo sobre o assunto. Ele estimulou debates por parte de pesquisadores do mundo todo, especialmente nos campos da Ciência Política, da História, da Sociologia, da Antropologia, do Direito, da Economia, das Relações Internacionais, etc., sendo visíveis as disputas em torno do seu significado. Nesse sentido, ele permeia boa parte da história mundial contemporânea, passando pelo pensamento político dos estadistas às reflexões de grandes filósofos, ao pensamento dos acadêmicos e ao senso comum das grandes massas. O nacionalismo é apresentado ora como conceito, ora como uma ideia (ou um conjunto de ideias), ora como ideologia política, como uma doutrina política, como um tipo de psicologia social, como religião, etc., ou seja, ele é ambíguo e apresenta significados diversos. Muitos autores fizeram esforço para explicá-lo, apesar de que nenhum acadêmico realizou efetivamente a construção de uma “teoria geral do nacionalismo”. Dessa forma, o nacionalismo é um fenômeno histórico, distintamente moderno, tendo surgido (aqui diferentes autores possuem certas divergências) com o romantismo alemão e a Revolução Francesa. Contendo um nacionalismo agressivo e chauvinista, os regimes fascistas (de inspiração fascista em geral), se mostraram inerentemente antagônicos às duas grandes correntes político-filosóficas modernas, o liberalismo e o socialismo. Porém nacionalismo não é igual a fascismo. O fascismo é um regime político italiano da década de 1920-1930. Os sentimentos nacionalistas de pertença, exaltação nacional, identidade coletiva, etc, conseguem de certa forma, anteceder distintos regimes políticos, podendo se exacerbar mais ou menos, podendo se encontrar mais “à esquerda” ou mais “à direita” do espectro político, dependendo das características da nação ou do povo em questão. Citando dois (02) exemplos distintos: o socialismo nacionalista de Cuba castrista e o nacionalismo cívico praticado nos Estados Unidos da América. A adaptabilidade do nacionalismo consiste nisso, em ser burguês, intelectual ou popular, em ser de “direita” ou de “esquerda”, em ser moderno ou antimoderno, em ser cívico ou étnico, em ser benigno e defensivo ou agressivo e chauvinista. Ele aparece tanto na situação de uma ocupação estrangeira como em uma situação de colonização.

Nesse sentido, esta monografia parte do nacionalismo como tema geral e como tema particular os nacionalismos no contexto da União Europeia. Não é objetivo desta monografia discutir, por exemplo, os motivos da ascensão da democracia iliberal, ou seja, o porquê dos nacionalismos, populismos e movimentos anti-globalização estarem ascendendo.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender o impacto da reascensão dos nacionalismos europeus diante do processo de integração europeia. Nosso problema de pesquisa parte do seguinte questionamento: como a integração europeia é interpretada nos discursos políticos de partidos nacionalistas do Reino Unido e da Escócia? O material coletado para análise dos discursos políticos (presentes nos discursos de conferências e nos manifestos dos partidos) é todo do ano de 2019.

O objetivo do primeiro capítulo é entender a discussão sobre Estado-Nação, nacionalismo e sua relação com o Realismo das Relações Internacionais. O objetivo do segundo capítulo é entender a relação do *Scottish National Party* (SNP) e do *United Kingdom Independence Party* (UKIP) com a identidade nacional. Por fim, o objetivo do terceiro capítulo é analisar, por meio do método interpretativo, os discursos políticos de ambos os partidos previamente citados e apresentar uma análise conclusiva.

Dito isso, discorreremos sobre alguns objetivos específicos algo longo do trabalho. Procuraremos: 1) Conceituar nação e nacionalismo, indicando autores de obras acadêmicas influentes a respeito do campo de estudos sobre nacionalismo na contemporaneidade; 2) Entender a relação entre nacionalismo e o campo das Relações Internacionais; 3) Compreender de que forma o *Scottish National Party* e o *United Kingdom Independence Party* se vêem como nacionalistas; 4) Compreender como questões relevantes como a maior interdependência econômica e a integração regional, a transformação do papel do estado, o Brexit, o aumento do fluxo migratório, o processo de globalização, o terrorismo, etc., podem se relacionar com o sentimento nacional; 5) Entender como diferentes crenças e ideias como o euroceticismo, o anti-liberalismo, o anti-elitismo, a anti-imigração etc., influenciam um sentimento de cunho nacionalista; 6) Verificar como a integração europeia é interpretada nos discursos políticos do *Scottish National Party* e o *United Kingdom Independence Party*, encontrados por intermédio de veículos informativos, sites de notícias e sites oficiais.

A justificativa acadêmica parte da pretensão de contribuir para o avanço do conhecimento sobre nacionalismo no campo de Relações Internacionais. Particularmente, nota-se uma falta de TCC's sobre o tema do nacionalismo no Repositório Universitário. O tema a ser estudado possui relevância política e histórica pois o nacionalismo foi objeto de debates importantíssimos, seu significado ainda possui enorme divergência dentro dos centros acadêmicos. Na vasta literatura sobre nacionalismo, poucos livros são escritos por estudantes de RI e, inversamente, na literatura de RI, o nacionalismo recebe pouca atenção (MAYALL, 1994, p. 182 apud GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997, p. 54-55). É válido notar que: os estudos de nacionalismo se beneficiariam em saber o porquê do uso geral (senso comum) do conceito de nacionalismo estar distante da linguagem acadêmica (KETTUNEN, 2018, p. 342).

A justificativa social é de que este trabalho visa alertar o leitor para questões importantes da política mundial. Os entendimentos alcançados deverão elucidar estudantes e professores, trabalhadores e empregadores, acadêmicos e tomadores de decisão, para questões relevantes do campo das Relações Internacionais – e das Ciências Sociais em geral – que certamente modificarão as estruturas sociais mundiais e seus valores, como por exemplo, a própria ascensão dos nacionalismos no contexto da integração regional europeia. Mearsheimer afirmou certa vez que o nacionalismo é “a mais poderosa ideologia política do planeta” (MEARSHEIMER, 2019, p. 8). O nacionalismo junto com o realismo possuem mais influência na política internacional que o liberalismo (MEARSHIMER, 2018).

A justificativa pessoal é de que deve-se levar em conta o fato de que estudei muitos anos em uma instituição de ensino militar (Colégio Militar de Brasília) e trabalhei em uma instituição de ensino de alto nível também de origem militar (Escola Superior de Guerra). Culturalmente isso me proporcionou uma maior aproximação dos valores, das simbologias e dos arquétipos que permeavam tais ambientes, como a própria valorização do que é nacional.

## 1. NACIONALISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Estudantes de Relações Internacionais estão preocupados primariamente com relações entre entidades políticas chamadas de Estados-Nação, afirmam Griffiths e Sullivan (1997). Por limitar seu foco às relações entre Estados, estudantes de relações internacionais são predispostos à visão de que o nacionalismo não é preocupação central, porque normalmente faz-se sentir apenas na criação de Estados soberanos. Com poucas exceções, Relações Internacionais seria o estudo do que acontece fora dos Estados-Nação depois que se formam (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997). O Estado é considerado uma entidade política já estabelecida (DEVETAK, 1995, p. 21 apud GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997, p. 54). As Relações Internacionais sustentam sua identidade e autonomia intelectual relegando o nacionalismo à esfera da política doméstica, o que o reduz a um fenômeno dentro do Estado-Nação. A existência do Estado-Nação, apesar de ser uma preocupação central nas Relações Internacionais, o nacionalismo como uma força poderosa é sub teorizado (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997).

Apesar do nacionalismo ser tomado como um fato “da linha de base” da política internacional, como um resultado imutável de um processo irreversível (BARTELSON, 1996, p. 31 apud GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997, p. 53), as relações internacionais parecem ter convergido em nada mais que uma exclusão sustentada da problemática nacional, relegando-a a um fenômeno marginal (LAPID & KRATOCHWIL, 1996, p. 105 apud GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997, p. 53). O nacionalismo aparenta ser ao mesmo tempo central e marginalizado em Relações Internacionais *mainstream*. As Relações Internacionais corre o perigo de subestimar a importância do fenômeno que ajuda a sustentá-la (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997).

Nesse sentido, o objetivo deste primeiro capítulo é entender o Estado da arte na discussão sobre Estado-Nação, nacionalismo e sua relação com o Realismo das Relações Internacionais. Iniciaremos o capítulo apresentando a natureza histórica (tanto fenomenal quanto conceitual) do nacionalismo. Em seguida, apresentaremos sua conceituação contemporânea, bem como as definições de identidade nacional, ideologia nacionalista, movimento nacionalista, consciência nacional, sentimento nacional, proto-nacionalismo,

etc., tudo isso por meio de sua investigação em obras de autores proeminentes neste respectivo campo de estudos.

Apesar de Hans Kohn e Carleton B. Hayes serem considerados os *founding fathers* do campo de estudo de nacionalismo e autores como Anthony Smith, Walker Connor, Karl Deutsch, Craig Calhoun, Liah Greenfeld e Elie Kedourie serem considerados indispensáveis para o mesmo, este trabalho partirá da conceituação contemporânea de nacionalismo utilizando alguns dos autores da escola modernista do nacionalismo. Utilizaremos para a historicidade e conceituação pontual de nacionalismo os escritos de: Ernst B. Haas, Eric Hobsbawm, Ernest Gellner e Benedict Anderson. Outros autores mais contemporâneos que tratam de forma geral do assunto trazidos nesta monografia, são: Paulo César Nascimento, Pauli Kettunen, John Judis e Noberto Bobbio. O trabalho acaba por focar no debate do advento do nacionalismo na modernidade e seu espalhamento (como fenômeno) na Europa do século XVIII ao XX.

Entenderemos, a partir da segunda metade do capítulo os principais pressupostos da corrente teórica realista das RI, bem como a relação do conceito (nacionalismo) com ela, já que para ambas correntes os principais atores do Sistema Internacional são os Estados, ambas são estadocêntricas, particularistas, não-universalistas e privilegiam a sobrevivência. Para uma breve abordagem teórica da corrente realista utilizaremos: Baylis et alia (2014), Hans J. Morgenthau, John Mearsheimer e Konstantinos Kostagiannis. Por fim, entenderemos a suposta conexão entre Realismo e do nacionalismo utilizando Edward H. Carr, John Herz, Hans J. Morgenthau e John Mearsheimer por meio de Konstantinos Kostagiannis, bem como os autores Martin Griffiths e Michael Sullivan. Não será possível fazer uma seleção de todos os acadêmicos que tratam sobre nacionalismo ou sobre o Realismo das RI, aprofundar esta discussão em um número limitado de autores é preferível ao envolvimento superficial com uma ampla gama autores, como aborda, por exemplo, Kostagiannis (2018) ao tratar sobre a história intelectual realista.

### **1.1 Historicidade fenomenal e conceitual do nacionalismo**

O filósofo alemão Johann Gottfried Herder é creditado à introdução do termo “nacionalismo” em um trabalho publicado no ano de 1774 (JUDIS, 2018). Noberto Bobbio em seu Dicionário de Política nos informa de seu aparecimento (do conceito de nacionalismo)

no discurso político (na Europa) durante a Revolução Francesa, embora o uso do termo estivesse, naquele período, na literatura com o Romantismo Alemão, especialmente nas obras de Johann Gottfried Herder e Johann Gottlieb Fichte (BOBBIO, 1998). Nesse sentido, o nacionalismo como conceito ganhou popularidade a partir da Revolução Francesa, e apesar de ter sido trabalhado desde o século XVIII, apenas dos anos 1890 para cá ele foi usado de forma frequente. Durante o século XIX foi usado em escritos religiosos na diferenciação entre os valores nacionais do teor universal do Cristianismo, a essência cristã deveria ser defendida contra o nacionalismo (KETTUNEN, 2018).

Após a da Primeira Guerra Mundial e o colapso dos impérios multinacionais europeus a nação foi estabelecida como “um princípio básico de como o mundo era ou deveria ser estruturado” (KETTUNEN, 2018, p. 349). Na visão Wilsoniana o princípio da soberania nacional estava vinculado a ideias de institucionalização da Liga das Nações, contra as “aspirações nacionalistas” por demandas de mudanças nas fronteiras. Na versão Bolchevique e Comintern do marxismo, o internacionalismo proletário incluía uma ênfase no autogoverno nacional uma fase e uma ferramenta no processo de revolução mundial. Para o marxismo-leninismo, centrado na experiência soviética, os conceitos de internacionalismo e patriotismo eram utilizados em oposição ao cosmopolitismo e ao nacionalismo "ruins" (KETTUNEN, 2018).

Depois da Primeira Guerra Mundial, o “princípio da nacionalidade” triunfou por dois motivos: o colapso dos Impérios multinacionais do leste europeu e a Revolução Russa (HOBSBAWM, 1992). Hobsbawm estabelece o período apogeu do nacionalismo (como fenômeno) situando-o entre o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e alguns anos após fim da Segunda Guerra Mundial (1950). No entanto, o fenômeno político do nacionalismo, crescente durante a era da democratização europeia e da política de massas, era distinto do “princípio da nacionalidade” que diplomatas discutiam entre 1830 e 1878 (HOBSBAWM, 1992).

A partir da Segunda Guerra Mundial, sob a influência da promoção de uma política econômica internacional colaborativa, foram reforçadas duas perspectivas divergentes do conceito. Por um lado, o nacionalismo foi amplamente condenado como uma das principais causas da guerra, associado ao fascismo e ao protecionismo econômico. Por outro lado, o

princípio da soberania nacional ganhou reconhecimento universal. No uso acadêmico, foi dividido mais ou menos em “más” e “boas” variantes. Também houve uma distinção (de Hans Kohn) entre nacionalismo étnico e nacionalismo cívico. A partir dos anos 1990 as referências do nacionalismo foram limitadas a visões e ações consideradas reações protecionistas, xenófobas e racistas contra as inevitáveis transformações da globalização (KETTUNEN, 2018).

Para Benedict Anderson, nações e nacionalismos são produtos do final do Século XVIII. Porém, a ideia de nação ganhou significado já no fim do século XVII, na era do secularismo racionalista e da erosão das certezas religiosas. Para ele, o nacionalismo deve ser entendido em alinhamento a isso, mas não apenas por causa disso, pois as comunidades imaginadas de nações não estão simplesmente crescendo e substituindo as comunidades religiosas e os reinos dinásticos. Além disso, a energia e o trabalho dos intelectuais, lexicográficos, gramáticos, publicistas, folcloristas, filologistas e literários foi importante para dar forma ao nacionalismo europeu, propagando a comunidade imaginada para as massas (não literárias e literárias). A nação passou a ser conscientemente aspirada (ANDERSON, 1991).

Ernest Gellner situa um período histórico da ascensão do nacionalismo na pós-revolução industrial dos Séculos XVIII e XIX. O autor afirma que o nacionalismo, como fenômeno, não como doutrina apresentada por nacionalistas, é inerente às certas condições sociais do nosso tempo. Para Gellner, seria errado pensar que uma força tão generalizada e penetrante simplesmente surge espontaneamente em lugares desconexos, que surge como um acidente, uma ideia arbitrária de pensadores europeus do século XVIII e XIX (GELLER, 1983). Até os dias atuais, o nacionalismo sofrera um processo de modulação e adaptação de acordo com as diferentes eras, regimes políticos, economias ou estruturas sociais (ANDERSON, 1991).

## **1.2 Conceituação contemporânea de nacionalismo**

Termos-chave como “Estado-Nação” e “nacionalismo” possuem significados que não são universalmente acordados, como afirma Kostagiannis. A definição destes termos, a compreensão de sua natureza, o estabelecimento da relação entre eles e a questão de saber se

são fenômenos modernos têm sido preocupações centrais no estudo do nacionalismo como um campo distinto da investigação acadêmica (KOSTAGIANNIS, 2018).

Como trazido na introdução deste trabalho, o uso geral (senso comum) do conceito está distante da maneira como os estudos de nacionalismo aplicam o conceito, ele carece de influência da linguagem acadêmica. Além disso, ele é contestado (KETTUNEN, 2018). De forma similar Ernst B. Haas (se apoiando em Arthur N. Waldron) nos diz que existe uma “desproporção” no modo em que o nacionalismo é usado para explicar a história e a política e a capacidade explanatória e conceitual que ele possui, como delineado pelos teóricos. Ou seja, o fenômeno possui fronteiras intelectuais permeáveis, além disso, ele é fundamentalmente interdisciplinar (HAAS, 1986).

Nota-se uma distinção entre autores que tratam de nacionalismo, alguns são intitulados como “tradicionalistas” como por exemplo, Azar Gat ou Anthony Smith, que acreditam que você pode encontrar nações e nacionalismo, de volta ao Egito antigo, Judá, Dinastia Song da China ou na Polônia, Hungria, França e Japão pré-capitalistas. Outros são intitulados “modernistas” (Ernest Gellner, Eric Hobsbawm e Benedict Anderson) vêem o desenvolvimento da alfabetização impressa, capitalismo e soberania como condições necessárias da nacionalidade (JUDIS, 2018). A abordagem dominante é sem dúvida a do modernismo, que afirma que as nações e o nacionalismo estão inextrincavelmente ligados ao advento da modernidade. A visão oposta, a apresentada pelos “etnossimbolistas”, enfatiza as continuidades culturais entre a era do nacionalismo e eras passadas, e questiona a profundidade da brecha entre sociedades tradicionais e modernas (KOSTAGIANNIS, 2018).

Os etnossimbolistas (como Anthony D. Smith) estão corretos ao apontar o uso - frequentemente negligenciado pelos modernistas - de material cultural pré-existente pelo nacionalismo, como coloca Kostagiannis. As comunidades “naturais”, os papéis sociais fixos e a certeza que caracterizaram as sociedades tradicionais são substituídos pelos fluidez, mobilidade social e incerteza das sociedades modernas. Essa transição gera a necessidade de uma nova forma de coletividade, que transcenda as coletividades tradicionais e as integre. A ideologia moderna nacionalismo, apropriando-se do passado como passado nacional e projetando a nação em um *continuum* de passado, presente e futuro, tenta resolver esse desafio. Para Kostagiannis, não é o material cultural pré-existente por si só que importa, em

última análise, mas a maneira de como é apropriado pelas sociedades modernas (KOSTAGIANNIS, 2018).

Para Nascimento, a literatura acadêmica sobre nacionalismo é permeada por alguns debates principais: 1) A confusão conceitual entre Estado e nação; 2) Primordialismo *versus* Modernidade; e; 3) As distinções dentro do próprio campo, como nacionalismo cívico e nacionalismo étnico (NASCIMENTO, 1996). Para Anderson, os teóricos do nacionalismo encontram três paradoxos em seu caminho: 1) A modernidade objetiva nos olhos dos historiadores *versus* a antiguidade subjetiva dos olhos dos nacionalistas; 2) A universalidade da nacionalidade como um conceito sociocultural *versus* a particularidade irremediável de suas manifestações concretas; e; 3) O “poder político” dos nacionalismos *versus* sua pobreza filosófica e sua incoerência (ANDERSON, 1991).

Mas o que é uma nação? Um trecho do Dicionário de Política nos diz que nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e, portanto, eternos e que, por causa destes laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma do Estado nacional. Porém, as dificuldades se apresentam quando se busca definir a natureza destes laços (raça, língua, costumes, religião, território, história comum), ou, pelo menos, identificar critérios que permitam delimitar as diversas individualidades nacionais, independentemente da natureza dos laços que as determinam. Nação, portanto, é uma entidade ideológica e um “reflexo” na mente dos indivíduos. Se apoiando em Mário Albertini, Norberto Bobbio afirma que a nação é uma ideologia de um Estado burocrático centralizado. No plano internacional, o princípio da autodeterminação dos povos possibilita a realização da independência nacional e o estabelecimento de uma política exterior do Estado fundamentada na vontade popular, sem interferências de outros Estados (BOBBIO, 1998).

Hobsbawm afirma que seu livro não fornece nenhuma definição *a priori* do que constitui a nação, mas uma definição *a posteriori*. As definições objetivas e subjetivas de nação não são suficientes, ambas são enganosas. Conceitos, aponta o autor, não são parte do discurso filosófico “flutuante”, são socialmente, historicamente e localmente construídos e devem ser explicados nos termos destas realidades. Hobsbawm trata a nação não como uma entidade social imutável, pois ela é particular de um período histórico recente, permanecendo

em mudança (HOBSBAWM, 1992). Para Gellner nações podem ser definidas em termos de vontade e cultura, em convergência com unidades políticas. “É o nacionalismo que edifica nações e não o contrário” (GELLNER, 1983, p. 55). Ele prega o princípio da homogeneidade de unidades políticas e das fundações da vida política, a obrigatória unidade cultural entre governantes e governados (GELLNER, 1983). Enquanto que para Anderson: “a nação é uma comunidade política imaginada” (ANDERSON, 1991, p. 6). “A nação é o valor universalmente mais legítimo da vida política do nosso tempo” (ANDERSON, 1991, p. 3).

Benedict Anderson, em sua definição, afirma que a nação é uma comunidade política imaginada, imaginada como limitada e soberana. É imaginada porque mesmo na menor das nações seus membros nunca conhecerão a maioria de seus compatriotas, ainda sim, na mente de cada um vive a “comunhão”. É limitada pois até a maior nação tem finitas e elásticas fronteiras que encontram outras nações. É imaginada como soberana pois o conceito nasceu do Iluminismo e da Revolução, onde, em um momento de destruição da legitimidade divina dos reinos dinásticos, os crentes de religiões universais foram confrontados com a pluralidade de outras dessas religiões, entre suas reivindicações ontológicas e as extensões territoriais. É imaginada (a nação) como uma comunidade pois é tida como uma profunda e horizontal camaradagem. Essa fraternidade é que torna possível as milhões de pessoas morrerem por esta imaginação (ANDERSON, 1991). Haas aponta que: “uma nação deixa de existir quando estes símbolos (essenciais) não mais os diferenciam (o grupo) verdadeiramente dos estranhos” (HAAS, 1986, p. 727). A nação seria uma comunidade imaginada justamente porque esses símbolos são partilhados entre compatriotas por longas distâncias, produzindo expectativa de complementariedade e previsão comportamental de seus compatriotas (HAAS, 1986).

Haas deixa claro algo perceptível sobre estas obras que tratam de nacionalismo: seus autores deixam de lado a abundância de material sobre nacionalismo para tratar sobre a questão cada qual com próprio seu jeito (HAAS, 1986). É por tal motivo que suas definições sobre nação e nacionalismo variam de uma forma ou de outra. Para o autor a nação: “é um corpo social de indivíduos mobilizados, que acreditam estarem unidos por características que os diferenciam dos estranhos, lutando para criar e manter seu próprio Estado. Tais indivíduos tem um sentimento de coletividade por causa de seu sentimento de diferença e singularidade,

e que é promovido pelo compartilhamento de símbolos essenciais” (HAAS, 1986, p. 726). “Uma nação é um grupo de pessoas que deseja praticar autodeterminação.” (HAAS, 1986, p. 727).

Apesar disso, muitos dos autores que tratam de nacionalismo (como os modernistas) se apoiam na definição de nação utilíssima de Joseph Stalin de que: “uma nação é uma comunidade estável, historicamente constituída, formada com base em uma linguagem comum, território, vida econômica e constituição psicológica manifestada em uma cultura comum.” (STALIN, 1912 apud HOBBSAWM, 1992, p. 5)

Tendo isto em mente, podemos partir para a conceituação de nacionalismo. O Dicionário de Política traz o sentido (mais abrangente) do termo Nacionalismo como aquele que designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, do Estado nacional, que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional geral na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições (BOBBIO, 1998). Além disso, o nacionalismo busca uma auto-governança (JUDIS, 2018).

Nacionalismo, segundo Ernst Haas, é a convergência entre lealdade territorial e política independentemente de outros focos de afiliação, como: parentesco, religião, profissão, interesse econômico (ou classe), raça ou língua (HAAS, 1986). Para Hobsbawm, o nacionalismo ultrapassa as outras obrigações da vida em sociedade, é mais demandante em relação a outras formas de identificação grupal (HOBBSAWM, 1992). Ernst Haas continua sua definição de nacionalismo afirmando que “são crenças mantidas por um grupo que acreditam ser necessário constituir uma nação, ou que já o são. É uma doutrina de solidariedade social baseado nas características e simbologias da nação.” (HAAS, 1986, p. 727). Ambos a nação e o nacionalismo implicam em uma situação de consciência popular e um grau participação popular na política (HAAS, 1986). Além disso, nacionalismo é uma “religião civil”, geralmente em conflito e que retira força de religiões verdadeiras. Esta “religião civil” contém um núcleo de valores que formam a estrutura das ações sociais e são aceitos pela população de um Estado. Com estes valores, alega o autor, os cidadãos saberiam

o que esperar de seus companheiros, entendem e respeitam a autoridade, são seguros de sua visão para com a esfera coletiva (HAAS, 1986).

Para Haas, o sucesso do nacionalismo envolve certa harmonia social ou aceitação dos valores que os símbolos transmitem, suficientemente para manter uma paz social ou uma mudança social pacífica. Uma autoridade sucedida está ligada a este nacionalismo sucedido. Quando a identidade nacional está em dúvida, um dos suportes de legitimidade é derrubado (HAAS, 1986). Além disso, os nacionalismos reivindicam um passado imemorial (ANDERSON, 1991). O nacionalismo, prega um reavivamento, uma reafirmação de uma cultura popular. É um tribalismo que obtêm sucesso em circunstâncias modernas (GELLNER, 1983).

Nota-se que pesquisadores inspirados em Weber ou Marx (Ernest Gellner, Eric Hobsbawm e Benedict Anderson) desejavam historicizar a nação, e fizeram isso conectando-a à modernização e ao capitalismo industrial (KETTUNEN, 2018). Gellner deixa claro que se apoia na definição de Estado de Max Weber, ou seja, aquela comunidade humana, que dentro de um determinado território, reclama para si o monopólio da coação física legítima (GELLNER, 1983). Haas se utiliza da definição de racionalização adaptada Weber, nos explica que uma sociedade racionalizada é aquela que se ordena na base de relações de trocas recíprocitárias entre seus membros, que aceitam uma norma comum de justiça e praticam contingência. É aquela em que é possível se fazer barganhas internas, que pratica reciprocidade e quando resolve tensões internas por meio de adaptação contínua. Para o autor, o nacionalismo nada mais é que um princípio/elemento particular de legitimação de uma sociedade racionalizada e que torna tais adaptações possíveis, é um princípio único que sociedades modernas acordam para seus membros enquanto se diferenciam de outras sociedades (HAAS, 1986).

Nesse sentido, o nacionalismo como movimento, ou como sentimento, podem ser melhor explicados por este princípio: “um princípio político o qual defende que o político e a unidade nacional devem ser congruentes” (GELLNER, 1983, p. 1). O nacionalismo advoga pela congruência entre o político e o cultural, entre a unidade política e a vontade cultural (GELLNER, 1983). Hobsbawm deixa claro que se apoia nesta mesma definição de Gellner (HOBSBAWM, 1992, p. 9). O sentimento de nacionalismo é a sensação de raiva despertada

pela violação deste princípio, ou a sensação de satisfação pela realização dele. Um movimento nacionalista é aquele que atua por meio de um sentimento deste tipo (GELLNER, 1983). Para Haas, sentimento nacional é uma crença dentro do meio intelectual-literário (ou seja, de elite) da necessidade de praticar a autodeterminação futuramente, apesar de não se ter alcançado a condição de mobilização social (HAAS, 1986). Sentimento nacional é cultivar a ideia segundo a qual todos os habitantes de um Estado pertencem à mesma nação e que a divisão política entre as nações é algo justo, natural e até sagrado (BOBBIO, 1998).

Para Gellner, é possível existir um nacionalista não-tendencioso, a favor de uma nacionalidade própria, e generosamente pregando a doutrina para todas as nações, de que elas podem ter seus “telhados políticos” e abster-se de incluírem não-nacionais neles. Não há contradição em afirmar tal nacionalismo não-egoísta. Pode ser apoiado no argumento do desejo de defender a pluralidade da diversidade cultural, de um sistema político internacional pluralista e a diminuição das tensões internas aos Estados (GELLNER, 1983).

O objetivo do princípio nacional é colocar o Estado nas mãos do povo (BOBBIO, 1998). Para Gellner existem várias formas de como este princípio (de congruência entre Estado e cultura nacional) possa ser violado: quando as fronteiras políticas de um Estado falham em incluir todos os membros da nação; ou incluir a todos e alguns estrangeiros; ou falhar em ambas as duas ao mesmo tempo, não incluindo os nacionais e incluindo alguns não-nacionais. Ou uma nação pode existir, sem estar mesclada com estrangeiros, mas separada em uma multiplicidade de Estados, enquanto que um único deles não consegue reivindicar ser “o Estado nacional”. Ainda sim, o princípio não é violado pela existência de poucos estrangeiros residentes. A forma de violação em que o sentimento nacionalista é mais sensível, é: se os governantes da unidade política fazem parte de uma nação outra que a maioria dos governados. Esta violação é considerada pelos nacionalistas como uma violação intolerável da propriedade política. Isto pode ocorrer através da incorporação do território nacional em um Império ou pela dominação local de um grupo alienígena (GELLNER, 1983).

A visão de Gellner sobre nacionalismo parte do contexto da revolução industrial, do advento da comunicação em massa, da divisão social do trabalho, etc., pois para ele o nacionalismo surge em meio a uma sociedade igualitária, anônima, móvel e fluida, com

dependência literária, orientada por uma economia de crescimento e industrial, composta por um moderno sistema educacional (que orienta/mantêm o meio cultural e linguístico) e caracterizada por uma divisão social complexa do trabalho, que é por sua vez, perpétua, rápida e está em constante mudança cumulativa. Ou seja, o nacionalismo é a organização de grupos humanos em grandes unidades educacionalmente centralizadas e culturalmente homogêneas (GELLNER, 1983). Pauli Kettunen traz o nacionalismo como algo constitutivo das formas políticas modernas da vida social (KETTUNEN, 2018). Segundo Haas, o fenômeno (do nacionalismo) é moderno pois salienta a busca identitária individual com estranhos em um “mundo impessoal”. Todo nacionalismo possuiria um princípio de identidade baseado em laços impessoais, que são mediados por um conjunto de símbolos, que por sua vez são embutidos em um padrão de comunicação (HAAS, 1986).

Hobsbawm também parte da “modernização” do fenômeno, mas critica o trabalho de Gellner no sentido de que o autor vê o fenômeno “por cima”, ou seja, em termos de governos, porta-vozes e ativistas de movimentos nacionalistas. A “questão nacional”, está situada no ponto de intersecção de políticas, tecnologia e transformação social. Nações e fenômenos associados, aponta o autor, devem ser analisadas em termos de condições políticas, técnicas, administrativas e econômicas. Por essa razão são um fenômeno dual, que não pode ser entendido “por cima”, se não visto “por baixo”, em termos de afirmações, esperanças, necessidades, e interesses de pessoas ordinárias, que não necessariamente nacionais, e menos ainda nacionalistas (HOBSBAWM, 1992).

Para Gellner, o nacionalismo não está acordando de uma forma latente, dormente e passada, é consequência de uma nova organização social, baseada em uma alta cultura profundamente internalizada, dependente da educação, projetada pelo seu próprio Estado, e que se utiliza de culturas pré-existentes, transformando-as no processo (GELLNER, 1983). Hobsbawm coaduna com a afirmação de Gellner que “nações, como uma forma natural dada por Deus de classificação dos homens, como um inerente [...] destino político, é um mito. Nacionalismo as vezes pega culturas pré-existentes e as torna nações, as vezes as inventa e geralmente apaga cultura pré-existentes, essa é a realidade” (GELLNER, 1983, pp. 48-49). Anderson se apoia em Gellner para afirmar que “nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações aonde elas não existem” (GELLNER, 1964, p.

169 apud ANDERSON, 1991, p. 6). Os Estados-nação, portanto, não representam o destino último dos grupos étnico-culturais, eles não constituem versões políticas de doutrinas naturais (auto-engano), eles utilizam como seu material as heranças histórico-culturais do mundo pré-nacionalista. Línguas mortas podem ser revividas, tradições inventadas, “purezas primitivas” resgatadas, mas isso tudo não significa que nacionalismo é uma invenção ideológica artificial (GELLNER, 1983).

Apesar de Benedict Anderson defender uma perspectiva de primordialidade/primordialismo da língua e do poder inventivo do nacionalismo, ele, assim como Gellner, dão uma importância significativa para o capitalismo de impressão. O processo pode ter começado com o sistema mecânico (impressão por tipos móveis) de Johannes Gutenberg, mas só no Século XVII é que as linguagens (nacionais) de impressão tomaram sua forma moderna. Elas criaram as bases da consciência nacional pois criaram campos unificados de troca e comunicação em línguas vernáculas, criaram uma nova “fixidez” que ajudou a criar a imagem de antiguidade tão central para a ideia subjetiva de nação e, por fim, criaram “linguagens de poder”, diferentes das antigas línguas administrativas vernáculas. Linguagens de impressão é que inventam o nacionalismo, não uma língua por si só (ANDERSON, 1991).

Segundo Hobsbawm, dentro do processo de consolidação da nação, onde quer que o proto-nacionalismo existiu, facilitou a tarefa do nacionalismo. Estes tipos de laços podem também se complementar e geram uma consciência (ou identificação) proto-nacional, são exemplos: a língua, a etnicidade (ou “raça”), a religião (ainda que algo complexo e “paradoxal”) e o por último, o sentimento de pertença a uma entidade política duradoura (a “nação histórica”). A tendência moderna seria de assimilar etnicidade e religião. Ainda que em alguns casos a religião não possa ser tão importante marca proto-nacional, certamente os ícones sagrados o são, os símbolos, rituais e imagens são componente crucial da comunidade imaginária, incorporados às nações modernas. Proto-nacionalismo e nacionalismo podem existir simultaneamente e em combinação, ainda sim, proto-nacionalismo não é suficiente para formar nações, nacionalidades, Estados, e nem mesmo movimentos nacionais com aspirações de formar um Estado (HOBSBAWM, 1992).

Para Gellner, são três os fatores que geram o nacionalismo: poder, educação (centralizada e que difunde uma cultura literária) e uma cultura compartilhada e homogênea (que almeja ser uma alta cultura). O “problema” do nacionalismo é que não ascende em sociedades sem Estado, é condição para o nacionalismo a existência de uma unidade política centralizada tratada como normativa, que detém o monopólio legítimo da violência e da educação (GELLNER, 1983). Nações funcionam apenas como um tipo particular de Estado territorial, ou com a aspiração de estabelecer um. Nações são consequências da formação de um Estado. Movimentos e Estado nacionais mobilizam laços, que são variantes de sentimentos de pertencimento coletivos, que já existiam e que podiam operar na escala macro-política, encaixando-os aos Estados nacionais modernos (HOBSBAWM, 1992). Estado-Nação: “é uma entidade política cujos habitantes se consideram uma única nação e desejam se manter como uma.” (HAAS, 1986, p. 727).

Os autores já citados até o momento ainda dividem perspectivas sobre identidade e ideologia nacional. Para Hobsbawm, ideologias oficiais não representam o que pensam os cidadãos. Em segundo lugar, não podemos assumir que identificação nacional exclui ou é superior ao conjunto de identificações que constituem o ser social. Por fim, identificação nacional muda e alterna com o tempo (HOBSBAWM, 1992). A ideologia nacional se trata de uma ideologia unificadora, elaborada intencionalmente para garantir a coesão do povo no Estado (BOBBIO, 1998). Ideologia nacionalista segundo Haas “é um corpo de argumentos e ideias sobre a nação defendidas por um grupo de escritores e aceitas por um movimento social específico. Elas surgem somente depois que a mobilização social é longa o suficiente para ter resultado na disponibilidade de públicos em massa atentos à mensagem.” (HAAS, 1986, p. 727).

Na visão de Gellner a ideologia nacionalista sofre de uma consciência penetrante falsa, seus mitos invertem a realidade. Ele reivindica defender a cultura popular enquanto forja uma alta cultura. Ele reivindica proteger uma cultura popular antiga, mas ajuda a construir uma sociedade de massa anônima. Nacionalismo trata a si mesmo como um manifesto e um princípio auto-evidente, violado por uma cegueira perversa, mas deve sua plausibilidade e sua natureza convincente a um set de circunstâncias específicas, estranhas à

maior parte da humanidade e a história. Ele advoga defender a diversidade cultural, mas impõe homogeneidade interna e entre as unidades políticas (GELLNER, 1983).

Haas adiciona que todas as ideologias nacionalistas desafiam, defendem ou chegam à termos com a modernidade, e todas estão preocupadas com a validade dos valores tradicionais. As ideologias fazem afirmações sobre as reivindicações da nação sobre singularidades históricas (como seu território e o tipo de relação com as outras nações). Além disso, elas contêm programas institucionais e constitucionais de como a nação deve ser governada. Não só isso, mas elas avançam nas ideias de “missão histórica” da nação e a restauração de uma “era de ouro” (HAAS, 1986).

### **1.3 Principais pressupostos do Realismo das Relações Internacionais**

Feito a investigação conceitual contemporânea do que é nacionalismo, e antes de compreendermos de que forma nacionalismo e realismo se relacionam, faz-se necessário uma breve abordagem dos principais pressupostos e conceitos da corrente realista das RI, investigando sob foco principal a categoria do poder e o papel do Estado. O Realismo das RI é um arcabouço teórico que trata os elementos da política internacional como algo intrinsecamente ligado às práticas de poder, isto é central em sua ontologia (KOSTAGIANNIS, 2018).

Alguns dos autores proeminentes da corrente realista são: Edward H. Carr, Hans Morgenthau, John Herz, Kenneth Waltz, Stephen M. Walt e John J. Mearsheimer. Alguns autores de política clássica acusados de pertencerem a esta corrente são: Thomas Hobbes, Tucídides, Nicolau Maquiavel e Rousseau (BAYLIS et alia, 2014). O realismo advoga que todos os Estados-Nação compartilham de certos interesses e que estes interesses são definidos em termos de poder (BAYLIS et alia, 2014). O interesse definido como poder é o conceito-chave atemporal da política (KOSTAGIANNIS, 2018). Ou seja, os Estados competem entre si por poder (MEARSHEIMER, 2011). Essa disputa por poder resulta em guerra ou cooperação (GRIFFITHS e SULLIVAN, 1997). O próprio sucesso ou fracasso de uma política externa depende de uma avaliação correta do poder, se essa avaliação for errônea, a nação que a comprometeu poderá cair (MORGENTHAU, 1959 apud KOSTAGIANNIS, 2014). Porém, apesar de todos os realistas reconhecerem a primazia do

conceito de poder, nem todos eles acordam em qual o significado deste conceito (*i. e.*, qual a sua natureza), ou se a busca de poder está fundamentada em premissas antropológicas ou condições sociais (KOSTAGIANNIS, 2018).

O Realismo das RI foi consolidado com a obra do estudioso Hans Joachim Morgenthau intitulada: “A Política Entre as Nações”. Que estipulava os seis (06) princípios do Realismo político: A política e a sociedade são governadas por leis objetivas que deitam suas raízes na natureza humana; Interesses são definidos em termos de poder; O interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida, mas não fixo e permanente; Existe uma tensão inevitável entre a moral e ações políticas; As aspirações morais de uma nação não são universais; O pensamento realista é singular e melhor explica a relação entre política e poder (MORGENTHAU, 2003).

Morgenthau em sua obra já anunciava que a moral está subordinada a política (não que não existam ações éticas/morais). Quando observados os fundamentos da *realpolitik* (termo cunhado por um alemão) chegamos à conclusão que o estadista fará de tudo para garantir a sobrevivência do Estado e a segurança nacional, mesmo que ‘sujando as mãos’. Isso evidencia o quarto princípio, de que as relações de poder, por vezes, se sobrepõem aos fundamentos da moral, apesar de que existam sim, limitações do poder, como a própria moral, os costumes e as leis. É válido lembrar que para os Realistas o próprio Estado é uma força moral por si só, isso implica dizer que não existe uma moral universal, ou uma autoridade maior que os Estados que a imponha (MORGENTHAU, 2003). Os realistas acreditam que a guerra é uma ferramenta legítima do Estado e concordam com a frase de Clausewitz de que a guerra é a extensão da política por outros meios (MEARSHEIMER 2011).

Portanto, o Realismo propõe diversos conceitos que procuram explicar a complexidade internacional. Para esta corrente, os atores mais importantes do cenário internacional são os Estados. O interesse nacional central dos Estados é a sobrevivência (BAYLIS et al, 2014). O ambiente internacional é um ambiente hostil marcado pela competição, sendo que a conduta dos atores é guiada por uma doutrina chamada de: Razão de Estado (*raison d'état*). Outro conceito é o de autoajuda. Cada ator é responsável pela sua própria sobrevivência, e, dessa forma, sua própria segurança (BAYLIS et al, 2014). Além

disso, o Sistema Internacional é caracterizado segundo uma condição de anarquia, que para os realistas é a base de sua estrutura e que gera dilemas de segurança entre os Estados. Não que a anarquia signifique caos, desordem, conflito ou a ausência completa de regras mas que para alguns dos analistas de política mundial, anarquia simplesmente se refere à falta de uma autoridade coercitiva a nível global. A anarquia é o oposto de hierarquia, que é o princípio ordenador da política doméstica (MEARSHEIMER, 2011).

Outro conceito importante é o de Balança de Poder, que para Morgenthau, é um corolário necessário de qualquer ordem social que engloba várias unidades autônomas e que por tal motivo é obrigada a operar também em um sistema internacional composto por unidades políticas (KOSTAGIANNIS, 2018). Se a sobrevivência de algum (ou alguns) Estados está ameaça por um mais forte (ou uma coalisão mais forte de Estados) estes que se encontram ameaçados irão se unir para contrabalançar o poder do mais forte (BAYLIS et al, 2014). Notamos a intercambialidade dos conceitos de “nação” e “Estados” em Morgenthau (em sua obra *“Politics Among Nations”*), justamente neste momento, onde afirma que os Estados tentam manter a estabilidade do sistema, pois que toda vez que o equilíbrio é ameaçado por uma nação ou grupo de nações, outras nações tentarão restaurá-lo (MORGENTHAU, 1948 apud KOSTAGIANNIS, 2014, p. 517). Assim, o sistema é inerentemente instável e precário, uma vez que o poder relativo das partes não é fixo (KOSTAGIANNIS, 2018). Os Estados tomam cuidado para que a balança não mude/incline em favor de outro Estado. Estados ameaçados raramente “entram no barco” de seus adversários, eles o balanceiam ou contam com outros Estados para isso (MEARSHEIMER 2011). Morgenthau também afirmaria que o sistema internacional tende ao equilíbrio (não que o tempo todo ele esteja em equilíbrio, pois é dinâmico), ou seja, que uma coalizão anti-hegemônica tende a surgir (MORGENTHAU, 2003).

Para os realistas estruturais (ou neorealistas, como o próprio Mearsheimer), Estados buscam poder pois a estrutura (ou a arquitetura) do sistema não os deixa escolha, o poder é um meio necessário para a sobrevivência, especialmente em uma estrutura anárquica e competitiva, sem a existência de uma força coercitiva maior. A busca pelo poder decorreria então, do instinto de autopreservação que é ativado pelo Dilema de Segurança, que é uma condição social (KOSTAGIANNIS, 2018). Para realistas clássicos, a natureza humana é a

razão do porquê os Estados buscam poder, que é uma premissa antropológica (MEARSHEIMER 2011).

Para os realistas em geral, uma das falhas da corrente idealista seria ignorar o papel que as relações de poder possuem no cenário internacional. Comunidade Internacional não é um conceito importante, é um dispositivo retórico que Estados poderosos utilizam para soarem civilizados quando buscam seus próprios interesses e para quando Estados fracos apelam quando não possuem outros recursos (MEARSHEIMER 2011). Para os realistas, as instituições (e os regimes) internacionais possuem eficácia pois foram as grandes potências que acordaram em criá-las. Cumprem então suas regras pois estão de acordo com suas vontades. Aliás, as grandes potências podem simplesmente ignorar ou reescrever tais regras caso entrem em desacordo com seus próprios interesses. Por tais motivos, instituições internacionais são instrumentos utilizados pelos Estados mais poderosos que os ajudam a controlar o comportamento dos outros Estados os fazendo obedecer tais regras, não pela coerção, mas pelo convencimento e pela importação de uma ideia implícita de que isso faz parte de seus interesses (MEARSHEIMER, 2019).

### **1.3.1 Nacionalismo e Realismo: “primos que se beijam”?**

O título desta seção faz alusão ao *paper* do ano de 2011 escrito por John Mearsheimer intitulado “*Kissing Cousins: Nationalism and Realism*”. Exploradas algumas das principais premissas da teoria realista podemos entender melhor a relação teórica entre os campos de estudo de nacionalismo e do realismo. Cabe notar que alguns dos autores de ambos campos de estudo estavam escrevendo paralelamente, na mesma época, como Hans Kohn e Hans Morgenthau. Vimos que o nacionalismo promove motivações e legitimações para um sistema internacional baseado em Estados-Nação (KETTUNEN, 2018). Coincidentemente, o Realismo também expressa essa motivação. Cabe nesta fase do capítulo entender esta relação: nação, nacionalismo, estado-centrismo e Realismo.

O nacionalismo é a resposta para um dilema moderno peculiar, de como explicar e legitimar a existência de uma pluralidade de comunidades políticas e dar a filiação uma dimensão ética (SETH, 1993, p. 79 apud GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997, p. 59). Ou seja

o nacionalismo sustenta que a população humana é dividida em muitas nações diferentes compostas por pessoas com um forte senso de lealdade de grupo (MEARSHEIMER, 2018).

O nacionalismo é usado para justificar reivindicações por autodeterminação, ele perpetua o sistema de Estados soberanos ao mesmo tempo que mina este mesmo sistema, pois por um lado, temos o compromisso vestfálico de igualdade formal e não-intervenção e, por outro lado, a justificativa moral substantiva no direito de autodeterminação para todos os povos. Logo, apesar do nacionalismo ser potencialmente subversivo de qualquer *status quo* territorial, na possibilidade de romper a existente divisão territorial em várias pequenas (e algumas grandes) unidades nacionais, é a base da soberania territorial *per se*. Para estudantes de Relações Internacionais, nacionalismo é ambíguo, pois é ambas: uma ameaça à, e uma justificativa para, a divisão da humanidade em Estados soberanos separados. Essa ambiguidade leva à tendência em RI de relegar o nacionalismo à esfera política interna (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997).

Martin Griffiths e Michael Sullivan (1997) entendem nacionalismo como o desejo pela convergência entre nação e Estado. Kostagiannis (2014) entende o Estado-nação como uma manifestação distintamente moderna do Estado soberano, associada a nacionalismo como seu princípio legitimador. Não apenas o nacionalismo minou os valores morais (até então universais) pré-modernos (e os substituiu), mas santificou a busca pelo poder vinculada ao Estado-Nação (KOSTAGIANNIS, 2014). Num mundo desprovido de um padrão moral universal, o Estado pode ser o único que pode garantir um grau de segurança existencial ao indivíduo e constitui o único “espaço moral em um mundo amoral” (PICHLER, 1998 p. 176 apud KOSTAGIANNIS, 2014, p. 517). O código moral universal das eras passadas é substituído pelo código moral particular da nação (KOSTAGIANNIS, 2014).

Kostagiannis argumenta que a centralidade do poder é de profunda importância para a compreensão suas respectivas concepções de Estado-Nação e seu corolário ideológico, o nacionalismo. O exame das principais premissas coletadas em leituras paradigmáticas do Realismo revela que o poder é central para todos eles e o estado-centrismo para a maioria (KOSTAGIANNIS, 2018). É importante reconhecer uma aliança tácita entre discursos realistas e nacionalismo na busca por uma ordem mundial. O axioma central realista, de que relações internacionais é um domínio autônomo da política de poder, baseia-se em várias

suposições sobre o estado territorial como o recipiente da comunidade política (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997).

O Estado-Nação, para Morgenthau, por exemplo, é a principal forma de organização política (KOSTAGIANNIS, 2018). Edward Carr possuía um ceticismo sobre o papel do nacionalismo na política internacional, para ele, o Estado-Nação é uma entidade historicamente e geograficamente condicionada (KOSTAGIANNIS, 2018). Para John Herz, o Estado-Nação havia garantido sua existência e mantido sua posição como a principal unidade política “fornecendo identidade, proteção e bem-estar” (HERZ, 1968, p. 34 apud KOSTAGIANNIS, 2018, p. 123). Herz, como Carr e Morgenthau, via o Estado-Nação como uma unidade política historicamente condicionada cuja existência está intimamente ligada ao poder. Para Mearsheimer, o Estado-Nação permanece a forma dominante de organização política (KOSTAGIANNIS, 2018). O crescente número de Estados-Nação incrementou as chances de paz, a Europa é mais pacífica hoje pois os Estados da Europa Oriental são mais homogêneos que no século XVIII e XIX. (MEARSHEIMER, 2011). Nesse sentido, o Estado-Nação, devido à sua dependência do conceito ontologicamente central de poder, é para todos uma manifestação não-fixa de poder (KOSTAGIANNIS, 2018).

Apesar disso tudo, Mearsheimer afirma que o nacionalismo não é um componente chave de nenhuma teoria realista, apesar da maioria dos realistas acreditar que o nacionalismo têm sido uma força poderosa na política internacional. Edward Carr, Jack Snyder, Barry Posen, Stephen Van Evera, Robert Pape, Hans Morgenthau e Walter Lippman, todos escreveram algo sobre o assunto. Portanto, deve haver alguma afinidade entre realismo e nacionalismo. Assim como há características essenciais do realismo que são incorporadas em quase todas as teorias, o mesmo acontece com o nacionalismo (MEARSHEIMER, 2011).

Mearsheimer indaga que há pouco questionamento de que o nacionalismo é um fenômeno real do mundo. É comum falar do nacionalismo como uma força presente no nosso dia-a-dia que forma a política entre os Estados e dentro deles. Porém, o Realismo não é fenômeno real do mundo como o nacionalismo, é uma escola de pensamento cujo propósito é explicar como os Estados interagem entre si. O fenômeno real do mundo que os realistas tentam explicar é a política de poder. Eles advogam que Estados usualmente agem de acordo

com a lógica realista, que é a de que os Estados competem entre si por poder, relações internacionais seriam, em boa parte, políticas de poder em jogo (MEARSHEIMER, 2011).

O entendimento de Mearsheimer do nacionalismo como parte da lógica explicativa do realismo advêm, por exemplo, das duas principais funções de uma nação, que são: ela serve como um veículo para sobrevivência e como forma de preencher necessidades psicológicas importantes. A melhor possibilidade de sobrevivência da nação é que tenha seu próprio Estado. Ele é necessário para a autodeterminação (controlar seus próprios assuntos e ter controle sobre seu destino). Além disso, Estados-Nação conseguem levantar maiores e mais poderosos exércitos, conseguem sustentá-los por um período maior de tempo. Nações que privilegiam autodeterminação e se preocupam com sua sobrevivência, desejam seu próprio estado. Os próprios Estados têm razões para querer que pessoas sejam organizadas em uma nação, o que as leva a desempenhar um papel crítico em fundir a nação e o Estado juntos. Portanto, não seria surpresa que o mundo é povoado por Estados-Nação, a personificação do nacionalismo (MEARSHEIMER, 2018).

Edward Carr via o Estado-Nação como cada vez mais incapaz de atender as necessidades materiais da sociedade ou fornecer um nível esperado de prosperidade. Ele acreditava que havia uma clara tendência nos campos do poder militar e econômico que acabaria por tornar o Estado-Nação (especialmente os pequenos), incapaz de desempenhar suas principais funções. As opiniões de Carr sobre a condicionalidade de pensamento e moralidade permitiram-lhe ver o Estado-Nação como uma entidade historicamente e geograficamente condicionada. Apesar de uma simpatia inicial por autodeterminação, ele logo desenvolveu um ceticismo profundamente enraizado sobre o papel do nacionalismo na política internacional (KOSTAGIANNIS, 2018).

Carr nunca viu o poder como o único fator que determina vida política, embora provavelmente ele o visse como o mais importante. Ele abordou o nacionalismo como uma ideologia que tentava encontrar um equilíbrio entre poder e moralidade, mas esse equilíbrio só poderia ser precário. Quando as realidades no campo do poder internacional desafiaram a defensibilidade do Estado-Nação, econômica e politicamente, o nacionalismo também iria falir, pensou Carr. Sua falência moral já havia sido demonstrada quando em sua “terceira fase” eliminou qualquer noção sobrevivente de moralidade internacional. Essa crença levou

Carr, de um compromisso entre poder e moralidade é uma condição essencial para a vida política, a contemplar maneiras de transcender realisticamente o Estado-Nação (KOSTAGIANNIS, 2018).

Kostagiannis nos motra que conceitos como "interesse nacional" ou "poder nacional" são centrais no entendimento de Hans Morgenthau sobre a política internacional. Ao longo de suas obras, Morgenthau usou os termos "nação" e "Estado nacional" de forma intercambiável, sem sempre fazer uma distinção clara entre os dois. Isso não quer dizer que Morgenthau tenha negligenciado a diferenças entre um Estado e uma nação, mas sim - e da mesma forma que Carr - que ele concebia os dois como idênticos no que diz respeito à era do nacionalismo. Assim, enquanto o Estado-Nação permanecer o modo predominante de organização política, é o interesse nacional que conta. Consequentemente, é a noção de "interesse definido como poder" que ocupa o papel principal na teoria de Morgenthau, sendo o caráter nacional desse interesse historicamente condicionado (KOSTAGIANNIS, 2018).

O Estado-Nação realizaria dois principais funções na teoria de Morgenthau, as quais são importantes para conectar o poder às relações internacionais, são elas: de construir um caminho entre o desejo por poder e a política internacional; e, pelo fato dele ser a principal forma de organização política. O que não implica dizer que ele tem "a última palavra na política" ou que é uma categoria eterna fora da história, o que é uma similaridade com o pesamento de Carr (KOSTAGIANNIS, 2018).

Para Morgenthau, o nacionalismo, como corolário ideológico do Estado-nação, desempenha um papel significativo na política moderna. Primeiro, influencia significativamente a percepção do caráter nacional, que é um dos principais elementos do poder nacional. Em segundo lugar, tem um efeito desintegrador na moral internacional. A categoria eterna de política é, no entanto, o poder, e como tal, até o nacionalismo e o Estados-nação são, em última análise, ameaçados pelos modernos desenvolvimentos em seu domínio (KOSTAGIANNIS, 2018).

Notamos que Morgenthau agrupou vários componentes do poder nacional variando da geografia, recursos e capacidade industrial a fatores humanos quantitativa e qualitativamente. Deste último, é "moral nacional" e o "caráter nacional". Morgenthau considera o "caráter nacional" um dos elementos qualitativos que desafiam o cálculo exato

do poder (MORGENTHAU, 1948 apud KOSTAGIANNIS, 2014, p. 518). Ele considerou a existência de caráter nacional como um fato "incontestável" e resiliente a mudança, mas também elusivo, o que coloca problemas significativos para o cálculo racional do poder nacional. Quando o nacionalismo entra em cena, a situação se deteriora ainda mais. O nacionalismo comete uma falácia de fator único, explicando poder nacional predominantemente em termos de caráter nacional. Sob a influência erosiva do nacionalismo, o caráter nacional é "deificado" e o resultado é uma superestimação de seu significado para o poder nacional. Isso leva ao "culto cego de caráter nacional" e à "superestimação de as qualidades da própria nação" (KOSTAGIANNIS, 2018; MORGENTHAU, 1948, pp. 160-162 apud KOSTAGIANNIS, 2018, p. 77). O erro inverso de subestimar a importância do caráter nacional, também resulta em uma "avaliação errônea do poder" (MORGENTHAU, 1948 apud KOSTAGIANNIS, 2014, p. 518).

Para Morgenthau, o nacionalismo distorce as faculdades racionais de estadistas e pode levá-los a superestimar as capacidades de suas respectivas nações, subestimando as capacidades de seus oponentes. A crença de que o poder é absoluto, e não relativo; a falha projetar o poder no tempo e, assim, tratá-lo como permanente; ou as falácias de fator-único que tendem a exagerar um elemento particularmente vantajoso do poder nacional, todos são erros de avaliação que podem levar ao declínio de uma nação (MORGENTHAU, 1959 apud KOSTAGIANNIS, 2014, p. 518). Carr também via um problema no elemento inerentemente conflituoso dos nacionalismos, uma falta de autoconsciência em política externa, que aumentaria a ideia de superioridade moral de uma nação e os fariam desafiar um ao outro (KOSTAGIANNIS, 2018).

No entanto, o papel mais importante, no entanto, que o nacionalismo desempenha na política internacional pode ser encontrado em sua "corrupção da moralidade universal". A crítica moral de Morgenthau ao nacionalismo estava concentrada contra o Nacionalismo "universalista" do século XX (agressivo), em vez do nacionalismo "liberal" (benigno) do século XIX. Esse "universalismo nacionalista" levou a uma "dissolução de longo alcance" do código moral que havia limitado a política externa do século XVII ao XIX. Sua cegueira moral e falta de restrição representavam a maior ameaça para a política internacional. Uma vez triunfante o nacionalismo, seu espírito, contrário as esperanças de seus defensores

liberais, provou não ser um de universalismo e do humanitarianismo mas de particularismo e exclusão (KOSTAGIANNIS, 2018). Mearsheimer se baseia em Stephen Van Evera para afirmar que a “criação de mitos chauvinistas é uma marca do nacionalismo, praticada por quase todos os movimentos nacionalistas em algum grau” (VAN EVERA, 1994, p. 27 apud MEARSHEIMER, 2011, p. 9). A ideia de atribuir outras nacionalidades como inferiores é parte desse “hípernacionalismo” (MEARSHEIMER, 2011).

O elemento trágico do Estado-nação, alega Kostagiannis, é que não está em um conflito maniqueísta entre o bem e o mal, mas no choque fatal de diferentes posições éticas igualmente válidas. Esse choque é exemplificado pela moralidade particularista do era do nacionalismo. Em contraste com a moral aristocrática, o código moral da era do nacionalismo limita significativamente as restrições éticas dos estadistas e, portanto, impõe uma carga importante ao papel da moralidade como reguladora da política de poder (KOSTAGIANNIS, 2014).

O ponto culminante do processo para Morgenthau é a transformação do nacionalismo em uma religião política que leva as nações a se enfrentarem no cenário internacional com um “fervor cruzado”. Tal código moral não pode limitar de maneira significativa a política externa da nação. Pelo contrário, em vez de restringir a luta pelo poder, pode amplificá-lo a proporções às vezes aterrorizantes. O nacionalismo tem um impacto em outra salvaguarda contra a luta pelo poder, a opinião pública. A opinião pública mundial só pode operar sob os padrões morais universais que o nacionalismo o privou e, portanto, quando as nações apelam à opinião pública, eles apelam para algo inexistente (KOSTAGIANNIS, 2018).

Assim, a distinção entre uma boa variante do nacionalismo e uma ruim, empregado por Morgenthau, foi (e continua sendo) um dos os temas mais persistentes no estudo do nacionalismo. Na época que Morgenthau estava escrevendo, Hans Kohn tinha sua influente distinção entre nacionalismo cívico e étnico. Morgenthau havia notado também, que o número de potenciais nacionalismos excede de longe o número de estados viáveis disponíveis para acomodá-los, um problema bem investigado, por exemplo, na obra de Ernest Gellner (1983) (KOSTAGIANNIS, 2018). O problema posto pelo nacionalismo é que não se têm critérios objetivos para identificar o número de Estados necessários para se atingir a ideia nacional (GRIFFITHS & SULLIVAN, 1997).

Para Morgenthau o Estado-Nação estava se tornando obsoleto especialmente porque na era nuclear ele não conseguiria realizar uma de suas funções (protetivas) mais básicas: a sobrevivência (KOSTAGIANNIS, 2018). Similarmente à Morgenthau, John Herz ficou particularmente alarmado com a desenvolvimento de armas nucleares, na medida em que, por um período, ele antecipou o fim do Estado territorial. O Estado-nação havia garantido sua existência e mantido sua posição como a principal unidade política “fornecendo identidade, proteção e bem-estar” (HERZ, 1968, p. 34 apud KOSTAGIANNIS, 2018, p. 123) Estados-Nação deveriam abandonar valores particularistas que tradicionalmente trabalhavam contra ele, o que Herz chamou de "nacionalismo exclusivista" (KOSTAGIANNIS, 2018). Herz, como Edward Carr e Morgenthau, via o Estado-Nação como uma unidade política historicamente condicionada cuja existência está intimamente ligada ao poder (KOSTAGIANNIS, 2018).

Seguindo o raciocínio da corrente realista, para Mearsheimer, uma nação é uma grande comunidade de pessoas com um senso poderoso de que são parte de uma mesma cultura que é baseada em dois fatores: uma história compartilhada e um conjunto de símbolos e práticas comuns que são penetrantes em suas vidas diárias. É também uma “comunidade imaginada” e possuem um destino comum, se preocupam que as futuras gerações irão manifestar a mesma identidade coletiva e o comprometimento de a mantê-la. A identidade nacional supera as outras identidades sobre a maioria das instâncias (MEARSHEIMER, 2011).

Para o autor, nacionalismo em sua forma mais básica é a crença de que o mundo é dividido em uma multiplicidade de Nações distintas e que a cada uma delas gostaria de ter seu próprio Estado (não que todo grupo nacional pode ter seu próprio Estado, mas que isto é seu objetivo). Além disso, o nacionalismo implica na busca por autodeterminação (MEARSHEIMER, 2011). Para Mearsheimer, Morgenthau e John Herz, o nacionalismo como o corolário ideológico do Estado-Nação opera principalmente de duas formas, uma benigna e defensiva e outra agressiva, associada aos horrores do século XX, a prevalência de cada forma pode ou não estar associada a um determinado período histórico (KOSTAGIANNIS, 2018).

Mearsheimer nos mostra que nacionalismo e a política de poder ajudaram a criar o moderno sistema de Estados pois enfatizaram a sobrevivência. A fim de criar poder militar e derrotar seus rivais, as províncias e cidades-Estados se unificaram se tornando Estados. Assim que uma nação tem seu próprio Estado, ela deseja que seu Estado-Nação se torne o mais poderoso possível. As nações querem seus Estados pois é são a melhor forma de maximizar seus ganhos por sobrevivência em um mundo de nações competidoras. A lógica realista motiva a política de poder e influencia o nacionalismo de maneira importante. O sistema de Estados-Nação é decorrente da interação entre política de poder e nacionalismo pois ambos privilegiam o Estado e a sobrevivência. Portanto, o realismo acredita que interesses particulares dos Estados sempre se sobressaem em relação a ideologias transnacionais e limitam sua efetividade. O nacionalismo apoia o realismo nisso, sua população pode ser simpática a uma ideologia de outro Estado, mas se importam mais com a autodeterminação, se esforçam para se proteger da intervenção estrangeira (MEARSHEIMER, 2011).

Outra característica, é que o nacionalismo torna a guerra mais mortal a levando para sua forma absoluta, mas também a torna menos provável de acontecer, pois é improvável que Estados iniciem guerras custosas. Mesmo que um Estado conquiste outro, o nacionalismo torna difícil para o vitorioso ocupar o perdedor, pois a população, em busca de autodeterminação, irá se levantar contra a ocupação estrangeira. Porém, o nacionalismo torna a guerra mais provável, primeiramente, quando nações que não possuem seu Estado se sentem ameaçadas por outro grupo nacional e estão dispostas a lutar para ganhar um. Em segundo lugar, quando um Estado vai à guerra para adquirir territórios que contenham compatriotas na intenção de criar uma unidade nacional maior (MEARSHEIMER, 2011).

Uma questão trazida também por Benedict Anderson é que em uma era onde intelectuais progressistas e cosmopolitas insistem no caráter patológico do nacionalismo, na suas raízes de medo e ódio ao outro, é válido lembrar que nações inspiram amor, um amor de auto sacrifício (e abnegação) observável nos produtos culturais do nacionalismo, como a poesia, a música, as artes, etc (ANDERSON, 1961). Nesse sentido, pelo fato de o nacionalismo criar fortes laços entre um povo e seu Estado, é mais fácil para que o governo convoque seus cidadãos para a guerra, com a vontade de fazer grandes sacrifícios. O

nacionalismo permite a criação de grandes e poderosos exércitos, o que significa que também influencia a mudança da balança de poder, afeta aqueles que podem ganhar ou perder uma guerra, afetam a possibilidade de que um Estado dissuada ou coaja outro Estado. O nacionalismo reforça o imperativo da balança pois não é simplesmente a sobrevivência do Estado que está em jogo, mas a da nação (MEARSHEIMER, 2011).

Kostagiannis observa que quando Mearsheimer aborda o Estado como o principal ator nas relações internacionais, ele não se envolve com uma noção de Estado como abrangendo uma categoria eterna fora da história. Apesar de que ele também não compartilha da mesma ansiedade de Herz e Morgenthau sobre a sobrevivência futura do Estado-Nação e da própria humanidade em face das armas nucleares. Para Mearsheimer, a questão principal não é como ir além do Estado-Nação, mas como domá-lo pelo período em que permanecerá forma dominante de organização política (KOSTAGIANNIS, 2018).

Ainda sim, apesar de atribuir importância à ideologia nacional, mesmo desenvolvendo uma teoria estrutural, o tratamento do nacionalismo como multiplicador de poder pode ser acomodado com a abordagem do poder como capacidade material de Mearsheimer. Empregar o nacionalismo permite aos estados não apenas construir exércitos de massa, mas também mobilizar seus cidadãos (com a vontade de fazer grandes sacrifícios) para manter tais exércitos e fornecer-lhes recursos. Porém, ao afirmar que o nacionalismo não apenas influencia a probabilidade de guerra junto a fatores estruturais, mas que ela também está ligada à resiliência do Estado como uma forma de organização política, Mearsheimer acaba permitir que um fator não estrutural possa qualificar ainda mais as principais premissas do realismo ofensivo (KOSTAGIANNIS, 2018).

Chegando ao fim deste capítulo, podemos mostrar as afinidades mais profundas entre ambos campos, que são descritas por Mearsheimer em três pontos. É válido notar que para o entendimento de Mearsheimer o nacionalismo é uma teoria. Primeiramente, existem similaridades fundacionais entre realismo e nacionalismo. Ambas as “teorias” são particularistas, não-universalistas, e que privilegiam dois conceitos-chave: o Estado e a sobrevivência. Segundamente, ambas são fenômenos entrelaçados que afetam um ao outro, essa interação teve um papel central na criação no moderno sistema de Estados. Terceiramente, o nacionalismo tem impacto profundo em vários aspectos da política

internacional que são centrais para o realismo. O nacionalismo afeta a balança de poder, a conduta da guerra, a probabilidade da guerra e a probabilidade de que Estados ameaçados irão contra balancear seus adversários e não “entrar em seu barco” (MEARSHEIMER, 2011).

Porquê ambas as teorias são particularistas? Pois ambas assumem que os atores principais são unidades autônomas que interagem entre si rotineiramente. Mearsheimer explica que pelo fato destas interações serem benéficas ou prejudiciais, estas unidades prestam atenção em como o comportamento de outras unidades afeta seus próprios interesses, todas têm o direito e a responsabilidade de buscarem seus próprios interesses, mesmo que isso seja feito á custa dos interesses de outra unidade. Tais unidades não estão em constante estado de guerra, geralmente elas cooperam entre si. Elas sabem que existe sempre a possibilidade de que outra unidade às ameace e por existir tal possibilidade as unidades se preocupam com sua sobrevivência mesmo quando não há ameaça evidente. Sobrevivência não é seu único objetivo, mas é o mais importante, pois se a unidade não sobrevive não pode ir atrás dos outros objetivos. Além disso, ambas as teorias acreditam que não há muito o que fazer para mudar ou transcender este mundo (MEARSHEIMER, 2011).

Porquê ambas as teorias são estadocêntricas? Pois tratam o Estado como o ator político principal. Mearsheimer explica que enquanto que para o realismo a unidade principal é o Estado, a nação é a unidade principal (de análise) do nacionalismo. Porém, nações precisam operar através de instituições para adquirir e exercer poder, e a principal das instituições é o Estado. Sua sobrevivência é inextricavelmente ligada a ele, e é por isso que cada nação prefere ter seu próprio Estado-Nação (MEARSHEIMER, 2011).

Porquê ambas as teorias são não-universalistas? Pois estão em contraste com teorias universalistas, como o liberalismo e o marxismo. Para Mearshiemer, nestas teorias as unidades devem agir como se fossem parte de uma comunidade maior, não como atores auto-interessados que maximizam suas próprias utilidades (MEARSHEIMER, 2011).

Concluindo, verificamos que para ambas correntes os principais atores do Sistema Internacional são os Estados, com autores intercambiando os conceitos de Estado com Estado-Nação, ambas tratam de fenômenos entrelaçados e possuem similaridades fundacionais, elas são estadocêntricas, particularistas, não-universalistas e privilegiam a sobrevivência.

## 2. PARTIDOS POLÍTICOS NACIONALISTAS DO REINO UNIDO

Quando se pensa no tema do nacionalismo, este remete muitas vezes, e historicamente falando, ao continente europeu. Seria muito difícil um estudioso de Ciências Sociais ouvir a palavra nacionalismo sem pensar nos exemplos concretos de movimentos nacionalistas que surgiram na Europa nos últimos séculos. O processo atual de reascensão nacionalista na Europa afeta a política interna dos Estados da região. Algumas eleições nacionais europeias têm mudado de perfil, de modo fático vislumbramos um número crescente de votos depositados em movimentos político-partidários de cunho nacionalista. Movimentos e personalidades influentes ganham destaque em notícias por seu caráter “anti-liberal”, “populista” e de “extrema-direita”. Pessoas como Marine Le Pen (França), Matteo Salvini (Itália) e Viktor Orbán (Hungria) são algumas dessas personalidades. Alguns exemplos importantes – para não citar todos – de movimentos político-partidários nacionalistas em ascensão no continente europeu são: o *United Kingdom Independence Party* (Reino Unido) (Agora dando lugar para o *Brexit Party*), o *Partij voor de Vrijheid* (Países Baixos), a *Alternative für Deutschland* (Alemanha), o *Scottish National Party* (Escócia), o *Χρυσή Αυγή* (Grécia), o *Freiheitliche Partei Österreichs* (Áustria), o *Jobbik* (Hungria), o *Lega Nord* (Itália) e o *Rassemblement National* (França).

Atualmente, questiona-se o porquê de certa resiliência dos Estados nacionais em relação à integração europeia, a reafirmação de questões identitárias, o surgimento de movimentos nacionalistas independentistas, as críticas às quotas de imigração por parte de alguns membros da União Europeia (UE), a crise migratória de refugiados, a saída recente do Reino Unido da UE e a (re)ascensão dos nacionalismos. Algumas pessoas – como Viktor Orbán e Geert Wilders – discutem inclusive, coisas que acontecerão futuramente, como uma suposta “islamização da Europa” diante do crescimento demográfico da população muçulmana (BOFFEY, 2018; VIANA, 2019).

Nesse sentido, este segundo capítulo busca entender um pouco sobre a identidade nacional do *Scottish National Party* (Partido Nacional Escocês – SNP) e do *United Kingdom Independence Party* (Partido de Independência do Reino Unido – UKIP). Compreenderemos como questões relevantes como a maior interdependência econômica e a integração regional, a globalização, o sentimento público em relação à adesão à UE, o aumento do fluxo

migratório, etc, podem se relacionar com a identidade nacional. Notamos que algumas crenças e ideias como o euroceticismo, o anti-elitismo e a anti-imigração influenciam a identidade de cunho nacionalista do UKIP. Por sua vez, o SNP tem procurado tirar capital político de questões ligadas ao multiculturalismo, a fim de "modernizar" o nacionalismo. Enquanto o UKIP rejeita o multiculturalismo e a uma suposta "islamização da Grã-Bretanha", o SNP mantém apoio ao multiculturalismo e ao nacionalismo cultural e cívico.

## **2.1 Reino Unido e Brexit**

Existe um sentimento de distância do Reino Unido com o continente europeu, que pode ser encontrado na geografia e na história do país. Geograficamente ele está situado (junto com a Irlanda) nas chamadas Ilhas Britânicas, um arquipélago a noroeste do continente, e ao lado disso, teve mais proximidade política e cultural com o resto dos países (ultramarinos) de língua inglesa espalhados no globo. Os britânicos exerceram, em toda história posterior aos atos de união de 1707 e 1800, uma posição de "balancer" no continente, ou seja, aquele que equilibra a balança de poder, mais aparentemente em momentos de conflito, como visto, por exemplo, em sua atuação na Guerra dos Trinta Anos, na Guerra dos Sete Anos e na Guerra da Crimeia. Esta sensação de que o Reino Unido é mais forte junto e, portanto, melhor colocado para prosperar como uma "nação insular" fora da UE, tem sido uma característica persistente do próprio UKIP (HAYTON, 2016).

Em 1975, foi a primeira vez que o Reino Unido, por meio de um referendo, decidiria se iria continuar ou não na Comunidade Econômica Europeia (futura União Europeia). Venceu a opção de permanência no bloco europeu, com 67% dos votos. Quarenta e um (41) anos depois, em junho de 2016 o Parlamento Britânico realizou novamente um referendo sobre a saída ou permanência do Reino Unido na União Europeia (UE), o resultado foi que a maioria dos cidadãos optou pela saída do bloco, com 51,9% dos votos, alegando falta de permissão para controle fronteiriço, desemprego dos locais, insegurança, entre outras razões. Nunca antes um membro havia deixado a união dos vinte e oito (28) países (que só havia expandido), hoje são vinte e sete (27) (PARLAMENTO DO REINO UNIDO, 2016). Tal acontecimento suscita a pergunta: a saída seria o marco auge que a União Europeia possuiu, em termos quantitativos, de membros?

A votação “vitoriosa” em favor da permanência na União Europeia, são das regiões de Londres, da Irlanda do Norte e da Escócia com os seguintes votos: 60% a favor na capital, 56% na Irlanda do Norte e 62% com os escoceses. Em março de 2017, o Reino Unido notifica formalmente o Conselho Europeu de sua intenção de sair da União Europeia por meio do acionamento do Artigo 50, que permite a saída de países da União desde que realizado o procedimento legal, do Tratado de Lisboa. Um importante membro do bloco econômico se retirando pressupõe um enfraquecimento e mostra a outros membros a possibilidade de saída efetiva do bloco (ARMSTRONG, 2016).

## ***2.2 United Kingdom Independence Party***

A ascensão e o sucesso recente do United Kingdom Independence Party (UKIP) merecem maior atenção acadêmica e de cientistas políticos (HAYTON, 2010). Pouca atenção acadêmica tem sido dada ao UKIP, apesar do sucesso eleitoral nas eleições de 2004 para o Parlamento Europeu (ABEDI e LUNDBERG, 2009).

Na medida em que há um espaço para um partido político nacionalista na Inglaterra, ele é ocupado pelo UKIP, embora não se defina em termos de identidade nacional sub-estatal da mesma forma que *Plaid Cymru* e o Partido Nacional Escocês. O UKIP advoga por um anglo-britanismo que pode ser aliado à “inglesidade”, mas que luta para acomodar os nacionalismos escoceses ou galeses. O UKIP tornou-se um veículo para a mobilização de uma forma populista de identidade nacional inglesa em termos de apoio ao partido e as atitudes de seus membros (HAYTON, 2016). Assim, o UKIP tem procurado apresentar-se como defensor dos interesses ingleses. Mike Kenny argumentou que o aumento do apoio ao UKIP é sintomático de um inglês conservador nostálgico caracterizado por "formas restauracionistas e anglo-britânicas de discurso patriótico" (KENNY, 2015, p. 35 apud HAYTON, 2016, p. 407).

Nesse sentido, escolhemos dar atenção ao UKIP pois é o partido populista de maior sucesso da Grã-Bretanha. Literaturas sobre partidos políticos populistas na Europa, particularmente sobre o UKIP, o classificam como um partido populista de direita e *anti-establishment* (ABEDI e LUNDBERG, 2009; CLARKE, 2016; CARLOTTI, 2017; FORD et al., 2012; HAYTON 2010) enquanto que as literaturas que o tratam como um partido

populista radical de direita (CUTTS et al., 2017; HAYTON 2016; LYNCH et al., 2011) partem da influência das obras de Cas Mudde, por exemplo.

O sucesso eleitoral do UKIP deu-se da seguinte forma: ele ganhou três cadeiras no Parlamento Europeu em 1999. Já nas eleições de 2004 o UKIP obteve 12 cadeiras. No ano de 2009 ficou em segundo lugar (no Reino Unido) obtendo 13 cadeiras (LYNCH et al., 2011; BBC NEWS, 2004). Em 2014 o UKIP ficou em primeiro lugar, obtendo 27.5% dos votos e conquistando 24 cadeiras (PARLAMENTO EUROPEU, 2014). Já em 2019 o UKIP obteve poucos votos e não conseguiu eleger ninguém, isso se deu pelo fato de muitas figuras do partido desertaram, como o ex-líder Nigel Farage, o que levou à criação do Partido do Brexit. O *Brexit Party* foi fundado em 2019 e não possui diferenças significativas em relação ao UKIP. Este novo partido obteve 30,79% dos votos, conquistando o primeiro lugar do Reino Unido, ou seja, 29 cadeiras no PE (PARLAMENTO EUROPEU, 2019).

O UKIP é um partido unionista. O “unionismo” do UKIP reflete a herança ideológica do partido que emergiu no auge das tensões entre as fileiras conservadoras sobre a questão da Integração europeia no início dos anos 1990. O “unionismo” do UKIP também é ilustrado pelo fato de que compete eleitoralmente nas quatro nações do Reino Unido, o partido realizou manifestos em cada uma delas nas eleições gerais de 2015 (HAYTON, 2016). "O Partido acredita que a integridade do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte (doravante "Reino Unido") devem ser mantidas" (UKIP, 2012 apud HAYTON, 2016, p. 400).

Sobre os nacionalismos subestatais, o UKIP se pronunciou de tal forma:

“[...] a Grã-Bretanha enfrenta uma séria crise existencial, com os nacionalismos escoceses, galeses e irlandeses em ascensão”. Esses nacionalismos foram encantados por Bruxelas, que eles terão mais independência sendo uma província da Europa do que como uma parte constituinte importante do Reino Unido.” (UKIP, 2010a, p. 3 apud HAYTON, 2016, p. 402)

Isso explicaria a intenção de “substituir membros das assembleias da Escócia, Gales e Irlanda do Norte com os parlamentares nacionais de Westminster” (UKIP, 2010a, p. 6 apud

HAYTON, 2016, p. 402). O unionismo do UKIP deve ser entendido como uma expressão da identidade anglo-britânica. Segundo Christopher Bryant, “a Inglaterra Anglo-Britânica é a Inglaterra que esteve no cerne da formação da Grã-Bretanha e do Império, aquele em que as diferenças entre a Inglaterra e a Grã-Bretanha desaparecem ou são marginalizadas” (BRYANT, 2008, p. 678 apud HAYTON, 2016, p. 401).

Como o próprio nome sugere, o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP) sempre teve a política de identidade nacional em seu centro. O partido não foi fundado para representar determinado interesse de classe ou setorial, mas para perseguir um objetivo principal que é a retirada britânica da União Europeia (HAYTON, 2016).

Falar sobre o UKIP é falar sobre euroceticismo, e a Grã-Bretanha tem uma forte tradição de euroceticismo. A palavra euroceticismo tem origem na mídia britânica, usado pela primeira vez em 1985 para descrever um dos lados da divisão intrapartidária dos conservadores em relação a criação de um mercado único. O Tratado de Maastricht é considerado ponto de partida para o desenvolvimento de todo um corpo de literatura sobre críticas à UE. Como conceito, o euroceticismo é contestado (CARLOTTI, 2017).

Nos últimos anos, o euroceticismo britânico encontrou uma saída política organizada no partido da Independência do Reino Unido, que foi fundado em 1993 por Alan Sked e por membros do *Anti-Federalist League*, que organizou oposição ao Tratado de Maastricht (FORD, 2012; LYNCH et al., 2011). O *Anti-Federalist League*, um grupo multipartidário formado em 1991 (em oposição ao Tratado de Maastricht), tinha como objetivo fundador a retirada do Reino Unido da União Europeia (HAYTON, 2010).

Taggart seria o primeiro estudioso a conceituar o euroceticismo como a "ideia de oposição contingente ou qualificada, incorporando também oposição completa e irrestrita ao processo de Integração europeia" (TAGGART, 1998, p. 366 apud CARLOTTI, 2017, p.6). Esta definição foi posteriormente dividida, com uma dicotomia entre euroceticismo "forte" (partidos que rejeitam a UE como tal) e euroceticismo "brando" (partes insatisfeitas com o estado atual da UE ou com suas políticas) (SZCZERBIAK & TAGGART, 2002 apud CARLOTTI, 2017).

Sørensen classifica euroceticismo popular identificando seis grandes tipos de atitudes em relação à EU, são elas derivadas de: (1) a preocupação com a integridade do estado-nação; (2) os valores da UE; (3) a transferência de novas competências para a UE; (4) a lógica econômica da integração; (5) a (falta de) ligação emocional à UE; e (6) as posturas em relação os princípios da UE (SØRENSEN, 2004, p.3 apud CARLOTTI, 2017, p.7). Rovny conceitua euroceticismo partidário ao longo de duas linhas: a primeira lidando com sua magnitude (forte vs. brando) e o segundo lidando com as motivações que o orientam (ideologia e estratégia) (ROVNY, 2004, p.3 apud CARLOTTI, 2017, p.7).

O UKIP frequentemente condenou a União Europeia (UE) como uma organização corrupta e elitista (ABEDI e LUNDBERG, 2009). Como afirma no manifesto de 2005 do UKIP, a Grã-Bretanha “deve deixar a UE”, pois “é um projeto político concebido para assumir o controle de todas as principais funções dos governos nacionais” (2005 UKIP, p. 1 apud HAYTON, 2010, p. 28). O UKIP apelava aos eleitores para um euroceticismo com uma política de retirada completa britânica da EU. Além disso, apelava para a abolição da Assembleia de Gales e a substituição de membros do Parlamento Escocês por deputados escoceses "subempregados" (ABEDI e LUNDBERG, 2009).

O UKIP se considera um desafiante aos partidos políticos do *establishment* na Grã-Bretanha, ele se apresentou como um Partido que defende os interesses das pessoas comuns, interesses que afirma serem subvertidos pelas elites (ABEDI e LUNDBERG, 2009; CLARKE, 2016). Porque o UKIP pode ser classificado como “populista”? Ele pode ser considerado populista pois afirma que as pessoas foram “excluídas do poder” por políticos corruptos e uma elite não-representativa (ABEDI e LUNDBERG, 2009). A tradição populista é um elemento importante na inglesidade do UKIP, já que o partido é baseado em um status de *outsider* e *anti-establishment* político (HAYTON, 2016).

De acordo com a narrativa populista, essas elites dominam os principais partidos políticos da Grã-Bretanha e expuseram a soberania do país à UE. Os cidadãos britânicos são oprimidos por uma série de regulamentos promulgados por burocratas “indiferentes” em Bruxelas e na Grã-Bretanha. Além disso, sua cultura e economia são ameaçadas por uma inundação de imigrantes que adentram o Reino Unido através do mercado de trabalho comum

da UE. Segundo o UKIP, cortar os laços com a UE seria essencial para restaurar a integridade cultural, a prosperidade econômica e a soberania política (CLARKE, 2016).

Porquê O UKIP pode ser classificado como um partido “*anti-establishment*” (antissistema)? Pois cumpre os seguintes critérios: 1) Desafia o status quo em termos de questões políticas importantes e do sistema político; 2) Se percebe como um desafiador para os partidos que fazem parte do *establishment* político; 3) Afirma que existe uma divisão fundamental entre o *establishment* político e o povo, o que implica que na visão de que os partidos (sejam eles do governo ou da oposição) são essencialmente os mesmos e parte do *establishment* (ABEDI e LUNDBERG, 2009).

Além disso o UKIP é um partido de nicho. Meguid define partes de nicho como aqueles com um foco distinto em um conjunto limitado de questões que estão além da divisão de classe tradicional e são amplamente ignorados pelos partidos *mainstream* (MEGUID, 2005 apud LYNCH et al., 2011).

O UKIP não é o único partido político britânico que defende a retirada da EU pois o Partido Nacional Britânico também defende essa política. O BNP (British National Party, de extrema direita) também advoga por políticas nacionalistas. O BNP conseguiu 2 assentos no Parlamento Britânico em 2009 (ABEDI e LUNDBERG, 2009). O UKIP e o BNP estão recebendo apoio dos mesmos grupos sociais pois ambos adotam discursos semelhantes sobre questões de imigração e identidade nacional e, portanto, a mídia e o público percebem os dois partidos como "parte do mesmo fenômeno" (FORD et al., 2012).

A imigração e a integração muçulmana têm sido questões salientes nos recentes ciclos eleitorais britânicos (HAYTON, 2010). As preocupações com a imigração e o multiculturalismo são centrais para as queixas inglesas, e o aumento significativo do primeiro, desde a expansão da UE em 2004, permitiu ao UKIP ligar essas preocupações à sua política central de retirada da EU (HAYTON, 2016). O UKIP colocou uma ênfase forte em sua oposição à imigração, ao multiculturalismo e ao islamismo. Campanhas anti-imigrante e anti-muçulmana são também importantes fonte de apoio do BNP (FORD et al., 2012). Ou seja, os apoiadores do UKIP e do BNP compartilham perspectivas políticas semelhantes (HAYTON, 2010).

O principal impulsionador do apoio do UKIP é a atitude de euroceticismo, mas não é o único motivo correlacionado com o apoio do partido. Hostilidade à imigração e descontentamento com as elites políticas *mainstream* estão associadas a um apoio geral significativamente maior do UKIP (FORD et al., 2012). A imigração continua sendo uma questão de alta relevância entre todos os eleitores do UKIP (HAYTON, 2010). O UKIP é visto como um partido explorando com sucesso uma veia de nacionalismo cultural nostálgico, que é então “refratada” por questões como imigração e integração europeia (HAYTON, 2016).

Em termos de eleitorado, o apoio do UKIP está concentrado entre homens de meia-idade, financeiramente inseguros e de origem conservadora. É maior entre as classes trabalhadoras que foram expostas à competição do Mercado Comum Europeu (FORD et al., 2012). O UKIP atraiu apoio crescente da classe trabalhadora ou homens brancos autônomos que tinham poucas qualificações e sentiam-se ansiosos com a imigração, desaprovados da participação da Grã-Bretanha na UE e insatisfeitos com os partidos estabelecidos. Seu apoio foi mais forte em áreas mais carentes economicamente e em comunidades predominantemente brancas no leste da Inglaterra, onde os níveis de educação são baixos (CUTTS et al., 2017).

Concluindo, notamos que algumas crenças e ideias como o euroceticismo, o anti-elitismo e a anti-imigração influenciam a identidade de cunho nacionalista do UKIP. O partido rejeita o multiculturalismo e a uma suposta “islamização da Grã-Bretanha”. Além disso é caracterizado com *anti-establishment*, populista e unionista.

### ***2.3 Scottish National Party***

O independentismo escocês revela, dentro do sistema administrativo e estatal do Reino Unido, o problema que havia sido notado por Hans Morgenthau e Ernest Gellner: o número de nacionalismos excede o número de estados disponíveis para acomodá-los. Pois nem todos os partidos nacionalistas desejam garantir a condição de Estado para suas nações, mas para o Scottish National Party (SNP) isso permanece central para seu programa político (ARNOTT & OZGA, 2010).

O nacionalismo secessionista tipicamente envolve um grupo nacional que busca se separar para formar um novo Estado-Nação. O nacionalismo secessionista gera também reivindicações pela independência que envolva mais de uma nação ou Estado, e que são vistos como Irredentismo, por exemplo, os casos: dos catalães, bascos, nacionalistas irlandeses e curdos (MYCOCK, 2012). O SNP não luta contra ser caracterizado como nacionalista, embora o nacionalismo não seja usado como um conceito de autodescrição em suas manifestações políticas em seu website (KETTUNEN, 2018).

Em Estados como o Reino Unido, uma nação étnica (a Inglaterra) dominou o estabelecimento do estado multinacional através da adoção de seus valores políticos, econômicos e culturais, instituições e práticas (MYCOCK, 2012). Entretanto, o *White Paper* do SNP em 2007 estabeleceu outras opções constitucionais para a Escócia e demonstrou uma visão do SNP firmemente ligada à autodeterminação política e à independência (ARNOTT & OZGA, 2010).

O Partido Nacional Escocês (de centro-esquerda) foi fundado no ano de 1934, e depois de uma história de relativas ascensões e quedas, se tornou uma força política grande na Escócia. O SNP é tido como um partido regional-nacionalista com o objetivo de estabelecer um Estado escocês independente fora do Reino Unido. Na década de 1970, este objetivo foi definido como independência sob o Coroa Britânica e dentro da *Commonwealth* mas fora da União Europeia. Desde o final 1980 em diante, foi definido como "Independência na Europa", ou seja, como um estado membro da UE (DARDANELLI, 2003). O SNP também afirmou que o monarca britânico permaneceria como o Chefe de Estado da Escócia, o que significa que a união parlamentar e política se tornaria uma união monárquica e social do Reino Unido, mantendo a relação estabelecida em 1603 pela União de as coroas (SNP, 2007a apud MYCOCK, 2012).

As eleições para o Parlamento Escocês de 2007 geraram significativo aumento no apoio ao SNP desde sua aparição em 2003 nas listas eleitoral e partidária. Pela primeira vez, o governo do Reino Unido teve que enfrentar uma das administrações descentralizadas liderada por nacionalistas. No despertar do os resultados de maio de 2007, manchetes de jornais especularam se este poderia ser o começo do fim da união de 300 anos (ARNOTT &

OZGA, 2010). Além do SNP, organizações menores como o *National Collective* (NC), fundada em 2011, também apoiam a independência escocesa (ENGSTRÖM, 2018).

Em 2014 ocorreu o referendo de independência da Escócia, com 97% de participação dos escoceses, o resultado foi que 55% dos escoceses votaram “Não” para a independência enquanto que 45% votou “Sim”. (BBC, 2014). Apesar do resultado, o referendo foi um sucesso para o SNP, que aumentou seu número de membros e a sua visibilidade a nível nacional e internacional após o ocorrido. O SNP foi a força motriz mais forte por trás da luta pela independência (ENGSTRÖM, 2018). Além disso, o SNP conquistou, nas eleições do Parlamento do Reino Unido de 2015, 56 das 59 cadeiras disponíveis a que tinha direito, se tornando a maior força política escocesa (BBC NEWS, 2015).

No passado, o SNP tinha uma concepção étnica do escocês que transmitia um sentimento anti-inglês. Hoje, no entanto, o SNP tem um entendimento mais cívico da nação (ENGSTRÖM, 2018). Em um primeiro período (entre 1973 e 1979) o partido se opôs fortemente à integração europeia e fez campanha por uma Escócia independente, deixando a União Europeia, pois a percebia como negativa, em termos políticos e econômicos, e como uma restrição para a independência escocesa (DARDANELLI, 2003).

A hostilidade do SNP para com a UE no 1970 foi determinado por quatro fatores principais. Primeiro, o SNP se opôs ao fato de a Escócia não ter sido representado nas negociações antes da entrada e não tendo sido consultado como uma nação no referendo de 1975. Em segundo lugar, a UE foi percebida como uma organização centralizadora, burocrática e não democrática. Terceiro, a maioria do partido tinha uma percepção negativa do processo de integração econômica europeia, baseada no livre comércio e liberalização do mercado. O partido também criticou políticas fundamentais da UE, como as políticas de agricultura e pesca, que considerou serem prejudiciais para os interesses escoceses (DARDANELLI, 2003).

No segundo período (entre 1988 e 1997) o partido apoiou o processo de integração, visto como positiva e "progressiva", e adotou o objetivo de "Independência na Europa", alegando que o contexto da UE era um “facilitador” da independência escocesa. Ou seja, o partido passou por um processo de “europeização”, do euroceticismo para Euro-entusiasmo (DARDANELLI, 2003; ARNOTT & OZGA, 2010). O outrora SNP eurocético tem cada vez

mais visto a Europa como fonte de inspiração para a construção de um Estado-Nação escocês (ENGSTRÖM, 2018).

Positivamente, o mercado único reduz os custos econômicos da secessão e aumenta a viabilidade econômica de um pequeno estado, facilitando assim a exigência de independência. As instituições supranacionais da UE também podem ser aliadas de um ator regionalista na estratégia de minar a concepção monolítica de soberania do Estado e centralização do poder. Além disso, o viés dos pequenos Estados na estrutura institucional da UE e a preeminência do Conselho Europeu/Conselho de Ministros fornece uma ainda mais forte incentivo para obter um status de "Estado" vis-à-vis a um status de "região", fortalecendo assim a independência (DARDANELLI, 2003).

A própria política de “Independência na Europa” pretendia aproveitar os incentivos e oportunidades que o sistema da UE oferece a fim de aumentar o apelo da independência. Existe uma oportunidade de reduzir o custo simbólico de secessão removendo as conotações ligadas às ideias de “separação” e “isolamento”. Além disso, o partido explorou o fato de que a estrutura institucional da UE foi favorável aos pequenos países, uma vez que representaria seus interesses vis-à-vis aos maiores Estados membros (DARDANELLI, 2003).

Esta política de independência para a Escócia partiu de três pontos conceituais: 1) O status da Escócia como uma nação e o conseqüentemente direito inalienável à autodeterminação; 2) O partido acreditava que a união com a Inglaterra foi negativa para a Escócia, apesar de alguns ganhos políticos e econômicos, porque ameaçou a sobrevivência da Escócia como uma nação distinta, correndo o risco de ser "absorvida" por seu maior vizinho; 3) O partido estava convencido de que com o fim do Império Britânico e com a descoberta de petróleo na seção escocesa do Mar do Norte e, desde a sua mudança de atitudes, com a união aduaneira da UE, já não era do interesse econômico da nação escocesa pertencer ao Reino Unido (DARDANELLI, 2003).

Foi notado que o partido pode ser visto como uma anomalia nacionalista devido à sua postura pró-europeia e pró-imigração (ENGSTRÖM, 2018). Salmond afirmou que "a Escócia continua sendo uma anomalia, uma nação sem Estado" cujo "destino é a independência", sugerindo que todas as nações devem buscar autodeterminação e se tornarem estados soberanos (SALMOND, 2006 apud MYCOCK, 2012). A natureza transnacional e

continental da integração europeia tem o potencial de minar o discurso regional-nacionalista, fazendo-o parecer paroquial e “para trás” e, em segundo lugar, o contexto da UE coloca limites na própria independência de um partido como o SNP estava perseguindo. Por um lado a UE reduziria o custo econômico, político e simbólico de secessão, mas por outro lado, também ameaçaria a própria soberania nacional que o partido queria alcançar para a Escócia (DARDANELLI, 2003), há de se pensar as implicações de como a soberania compartilhada pode limitar a autonomia nacional (MYCOCK, 2012).

No governo, o SNP também procurou celebrar a nacionalidade escocesa por meio de eventos como o *Homecoming* 2009, ao mesmo tempo que sinaliza queixas políticas, econômicas, sociais e culturais contra o estado do Reino Unido. Essas iniciativas têm destacaram tensões entre o nacionalismo cívico e cultural e o potencial para construções étnicas da nação e nacionalidade escocesas. O SNP argumentou que a primazia do inglês como língua franca significa que "nossas línguas nacionais foram suprimidas e oprimidas ao longo dos séculos" (BBC, 2008b apud MYCOCK, 2012).

Para o líder do Partido SNP Alex Salmond, o fracasso em ressuscitar uma identidade britânica "limitada, branda e chata" foi exemplificada por dados de pesquisa que indicam que poucos escoceses se consideram principalmente britânicos, enquanto quase três quartos se consideram "principalmente" ou "apenas" escoceses (SNP, 2006a, 2008a apud MYCOCK, 2012). No entanto o “florescimento” da cultura e consciência nacional escocesa não foi, até agora, convertida em maioria de escoceses exigindo independência (CURTICE, 2009 apud MYCOCK, 2012).

No governo, o SNP tem procurado persuadir escoceses dos méritos da autodeterminação através da promoção de uma identidade nacional escocesa que está "imersa em uma cultura e história ricas" e é "inclusiva, diversa e emocionante" (SNP, 2006a apud MYCOCK, 2012). O SNP afirma que o escocês "faz parte da nossa identidade e herança como nação", enquanto o gaélico é "um único e parte essencial de nossa vida cultural rica, é uma língua nacional" (SNP, 2008b, 2009 apud MYCOCK, 2012).

Salmond argumentou que o nacionalismo escocês é um “movimento democrático e libertador” e “que é baseado em um nacionalismo pacífico, inclusivo e cívico - nascido da tolerância e respeito por todas as crenças, cores e credos e que continuará a inspirar a

evolução constitucional com base em uma visão positiva do que nossa nação pode se tornar” (SALMON, 2007a apud MYCOCK, 2012).

Para o Parlamento Escocês o SNP utilizou principalmente os recursos “do discurso e do discursivo” a fim de "modernizar" o nacionalismo e para "elaborar a narrativa”, refletindo o desejo de mover os termos do debate constitucional para plenos poderes (independência) (ARNOTT & OZGA, 2010). O SNP tem procurado tirar capital político de questões ligadas ao multiculturalismo, alegando que entende que “tradições diferentes não minam nossa cultura; eles o realçam”, enquanto “os partidos políticos do Reino Unido [...] vêem a diversidade como uma ameaça” (SNP, 2006d apud MYCOCK, 2012). Ou seja, o partido usou o discurso para tentar estabelecer uma imagem futura de uma Escócia independente (ARNOTT & OZGA, 2010). Esse fato não é tido com surpresa, visto que discurso é uma das estratégias mais importantes de construção da nação (ENGSTRÖM, 2018).

Concluindo, notamos que o SNP tem procurado tirar capital político de questões ligadas ao multiculturalismo, a fim de "modernizar" o nacionalismo. O SNP é um partido com caráter nacionalista secessionista e que entende a União Europeia como um “facilitador” da independência escocesa. Ou seja, o partido passou por um processo de “europeização”, do euroceticismo para Euro-entusiasmo em sua história. Por enquanto, mantêm uma postura pró-europeia e pró-imigração e apoio ao nacionalismo cultural e cívico.

### **3. OS IDEPENDENTISTAS DO REINO UNIDO E DA ESCÓCIA**

O continente europeu passou por diversas invasões, e com o passar do tempo a cultura dos povos dessa região se modificou, levando em conta a miscigenação gerada pelas ocupações, guerras e migrações nos terrenos. No decorrer da história, o impulso para a afirmação da identidade cultural dos europeus se deu com a defesa de seus costumes contra forças externas e inimigas a eles, isso se deu com os gregos lutando contra os persas, os romanos contra os cartagineses, os germânicos e romanos lutando juntos contra os hunos, os alemães contra os mongóis, os espanhóis contra os mouros e a cristandade em geral contra o islã, relembrando acontecimentos marcantes na história europeia como a Batalha de Viena e o Cerco de Malta.

Mesmo guerreando entre si até o século XX, os europeus foram capazes de realizar uma união através do desejo de sanar qualquer evento conflituoso que venha a surgir entre eles, de maneira diplomática, dado o sentimento de junção cultural, que deriva da similaridade em sua mentalidade e forma de agir. A necessidade de ajuda mútua econômica no período pós-guerra levou a Europa para uma recuperação bem-sucedida e avanço científico-tecnológico, baseados em princípios e instituições como a democracia, os direitos humanos, a diplomacia, o direito internacional, o multilateralismo e o liberalismo, que surgiram na Europa e foram exportadas para o mundo.

Agora a Europa não mais se difere (em grande parte) na sua estrutura política e nos seus objetivos como antes, pois vimos a consolidação da União Europeia (UE), que representa atualmente, o exemplo mais bem-sucedido (ainda incompleto) de um esforço com duração de mais de meio século para edificar uma estrutura que transcende o meio do Estado-Nação (que também é uma instituição originária da Europa), e que trouxe um sentimento de cidadania transnacional para o europeu.

Apesar desse esforço de edificação, a existência de partidos políticos nacionalistas eurocéticos (como no caso do Reino Unido) e de movimentos nacionalistas independentistas pró-União (como na Escócia) nos fazem questionar quais seriam os possíveis impactos que o fenômeno do “euronacionalismo” possui diante do atual processo de integração europeia e como esses partidos políticos nacionalistas interpretam, cada qual a sua maneira, a própria União.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo final é verificar como a integração europeia é interpretada nos discursos políticos do *Scottish National Party* (SNP) e o *United Kingdom Independence Party* (UKIP). Em primeiro lugar, abordaremos brevemente a formação da União Europeia e seus principais tratados. Em seguida abordaremos algumas similaridades e diferenças entre os conceitos de populismo e de nacionalismo. Faremos uma descrição do material e da metodologia a serem utilizados, e em seções distintas, traremos os discursos políticos selecionados do UKIP e do SNP. Por fim, faremos uma análise comparativa conclusiva entre os discursos políticos dos dois partidos e apresentaremos um quadro qualitativo dos discursos. Verificou-se que a União Europeia foi vista como algo essencialmente positivo para o SNP, como um facilitador para a Independência escocesa, e negativa para o UKIP, como aquilo que restringe sua soberania. Enquanto que para o UKIP independência significa o povo se autogovernar e estar fora da União Europeia, protegendo sua soberania e sua tradição, por outro lado, para o SNP, independência significa a possibilidade de adquirir a condição de Estado-Nação soberano dentro da União Europeia, aproveitando as parcerias internacionais.

### **3.1 União Europeia: Bloco na história**

No ano de 1943 três países assinam o Acordo Monetário Benelux (Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo), o que seria a faísca da futura União Europeia. Partiram do pressuposto de que se os países tivessem maior dependência econômica uns dos outros, isso reduziria o risco de conflitos. O Acordo de cooperação intergovernamental firmado entre eles tinha como objetivo de facilitar o comércio de mercadorias, reduzindo impostos, taxas de comércio exterior e a burocracia. Em 1944 o acordo estipularia uma “comunidade tarifária” (BENELUX).

No ano de 1948, ocorre a implementação de uma união aduaneira com finalidade de eliminar as tarifas de importação e exportação entre dos países membros do Benelux, também chamada de Tarifa Externa Comum (TEC). Em 1953 é feito um protocolo sobre a política de trocas onde se previa uma política comum sobre importação e exportação para países não pertencentes ao Benelux. No ano de 1954, institui-se um acordo de livre movimentação de capital entre os signatários. O Acordo Monetário Benelux foi um sucesso para os seus membros e existe até hoje (BENELUX).

Em 1950, têm-se o começo das negociações para a criação da CECA (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço), que seria o primórdio da União Europeia, também visando a maior interdependência econômica e redução do risco de conflitos. A comunidade tinha com a finalidade a “união econômica e política dos países europeus, visando assegurar uma paz duradoura”. É fundada em 1951 através do Tratado de Paris, onde seis países europeus (França, Bélgica, Alemanha Ocidental, Itália, Luxemburgo e Países Baixos) incorporam como membros fundadores da CECA. A Comunidade criou um mercado comum no setor da indústria pesada, particularmente para o mercado de carvão e aço. As medidas são: o estabelecimento de preços de mercado em comum; A abolição de taxas alfandegárias no comércio de aço e carvão entre os países membros (o que favoreceu a liberdade comercial destes produtos no Bloco); e; A defesa de políticas para a instalação de indústrias siderúrgicas nos países membros. O tratado teve sua entrada em vigor no ano de 1952 (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

O Tratado de Roma de 1957 instituiu a Comunidade Econômica Europeia (CEE) constituída pelos mesmos seis países da CECA (Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos, membros fundadores) e a Comunidade Europeia da Energia Atômica (Euratom). Desde então, assistiu-se à criação de um enorme mercado único em permanente evolução. As Características da CEE são: zona preferencial de comércio, área de livre comércio, união aduaneira, mercado comum, união econômica e monetária e integração econômica total. O Tratado entrou em vigor em 1958 (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

Derivado do rápido crescimento econômico dos países, em 1965 surge o Tratado de Bruxelas que resultou em fundir a CEE, a CECA e a Comunidade Europeia de Energia Atômica (EAEC ou Euratom), tudo se torna um só organismo denominado "Comunidades Europeias". O tratado entrou em vigor em 1967. Em 1973 têm-se o ingresso da Dinamarca, da Irlanda e do Reino Unido. A luta contra a poluição intensifica-se, fazendo com que a CEE adote uma legislação para proteger o ambiente e introduzir o conceito do poluidor-pagador (quanto mais uma nação poluir o meio ambiente, maior será a taxa cobrada pelo ato). Nos anos, 1981 ocorreu a adesão da Grécia e em 1986 a adesão de Portugal e Espanha, no âmbito da política regional da CEE, as regiões mais pobres começam a se beneficiar da transferência

de capital para fomentar a criação de emprego e de infraestruturas (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

Em 1986 é assinado o Ato Único Europeu, um Tratado que prevê um vasto programa de seis anos destinado a eliminar os entraves que se opõem ao livre fluxo de comércio na CEE. No ano de 1989, temos a queda do Muro de Berlim e a conseqüente reunificação da Alemanha. Com o decorrer do desmoronamento do socialismo na Europa Central e Oriental de 1989-1991, é possível visualizar um estreitamento das relações entre os europeus e que levará à aderência de novos Estados à União. Obtêm-se a conclusão do Mercado Único das quatro liberdades: livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais. A década de 90 possui também, como marco, a assinatura de dois Tratados: o Tratado da União Europeia ou Tratado de Maastricht, de 1992 (que cria a UE, ele entra em vigor em 1993) e o Tratado de Amsterdã, de 1997 (entra em vigor em 1999). Em 1995, a União Europeia aceita três novos Estados-Membros: Áustria, Finlândia e Suécia (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

Os acordos de Schengen (nome derivado de uma pequena localidade luxemburguesa) refletem um marco histórico, pois tais acordos permitiram que as pessoas viajem em todo território da União sem ter os seus passaportes controlados nas fronteiras. O Euro “€”, é adotado em 1999. No decorrer da década, aumenta o número de países que o adotam como moeda nacional. Reformas institucionais pra alargamento do Bloco implicam no Tratado de Nice (2001, entra em vigor em 2003). As divisões políticas entre Europa Ocidental e Europa Oriental são “encerradas” ao se ter dez novos países aderindo à União Europeia em 2004, sendo eles: Chipre e Malta (ilhéus), e as antigas nações socialistas da Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e República Checa. Somente três anos depois, há o ingresso na União de mais dois países do leste europeu, a Bulgária e a Romênia (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

O Tratado de Lisboa é assinado em 2007, reforçando os poderes do Parlamento Europeu, fazendo alterações dos procedimentos de votação no Conselho, bem como introduzindo as competências (exclusivas, partilhadas e dos Estados da UE), a criação dos cargos de Presidente permanente do Conselho Europeu e de Alto Representante para os negócios estrangeiros, e de um novo serviço diplomático da UE. O tratado entrou em vigor

em 2009. Logo depois da assinatura desse prévio tratado, uma crise financeira iniciada em 2008, que surtiu na queda da bolsa de valores e do valor do dólar americano (US\$), teve repercussões profundas na Europa. Tentando contornar tal situação econômica, a UE ajuda os países a enfrentarem suas dificuldades e cria a União Bancária para garantir bancos mais seguros e fiáveis aos cidadãos europeus. O prêmio Nobel da Paz de 2012 é dado a União Europeia e em 2013 é registrado a adesão do vigésimo oitavo país (e último até então), a Croácia. Com a chegada das eleições europeias em 2014, o número de eurocéticos no Parlamento Europeu cresce, junto disso o “euronacionalismo” (UNIÃO EUROPEIAa; UNIÃO EUROPEIAb).

### 3.2 Populismo *versus* nacionalismo

Para Mudde & Kaltwasser (2018) um número crescente de acadêmicos está usando o conceito de populismo como um chavão, um clichê. Ele é frequentemente mal definido e usado incorretamente. As duas críticas principais do termo, são que: 1) é que é essencialmente um *Kampfbegriff* político (termo de batalha) para denunciar oponentes políticos; e; 2) é muito vago, se aplicando a todas as figuras políticas (MUDDE & KALTWASSER, 2017).

Assim, em diferentes regiões do mundo o populismo se refere a fenômenos bastante distintos. Por exemplo, no contexto europeu, o populismo frequentemente se refere a anti-imigração e xenofobia, enquanto que na América Latina alude ao clientelismo e à má gestão econômica. Além de uma falta de acordo acadêmico sobre os atributos definidores do populismo, o consenso é geral que todas as formas de populismo incluem algum tipo de apelo ao "povo" e uma denúncia a “elite.” (MUDDE & KALTWASSER, 2017).

Mudde & Kaltwasser (2017) definem populismo como: “uma ideologia tênue que considera a sociedade separada em dois campos homogêneos e antagônicos, ‘o povo puro’ *versus* ‘a elite corrupta’, e que argumenta que a política deve ser uma expressão do *volonté générale* (vontade geral) do povo”.

O populismo teria três conceitos básicos: o povo, a elite e o vontade geral. “O povo” é uma construção frequentemente usada em uma combinação com três significados: o povo como soberano, como povo comum, e como a nação. Em relação à elite, a maioria dos

populistas detesta o *establishment* político e criticam a elite econômica, a elite cultural e a elite da mídia, que são retratados como um grupo homogêneo corrupto que trabalha contra a "vontade geral" do povo. A distinção moral do populismo entre o "povo puro" e a "elite corrupta" reforça a ideia de que uma vontade geral existe. (MUDDE & KALTWASSER, 2017).

Por fim, o populismo pode ser fundido com o nacionalismo, quando a distinção entre o povo e a elite é ao mesmo tempo moral e étnica (MUDDE & KALTWASSER, 2017). De Cleen e Stavrakakis sugerem que o populismo e nacionalismo são frequentemente entrelaçados e a separação de ambos é delicada (BREEZE, 2018).

Apesar de similaridades, De Cleen e Stavrakakis apontam para diferenças significativas entre o que eles chamam discursos "populistas" e "nacionalistas". Discursos populistas geralmente representam grupos sociais específicos (por exemplo, elites) como tendo traído ou explorado o povo, enquanto retratam os outros (ou seja, os migrantes) como uma ameaça ao seu bem-estar ou sua segurança (BREEZE, 2018). O nacionalismo, por outro lado, centra-se na ideia da nação como uma "nação limitada e comunidade soberana que existe através do tempo e está ligada a um determinado espaço" (DE CLEEN, 2017, p. 344 apud BREEZE, 2018).

De Cleen e Stavrakakis consideram que ambos (populismo e nacionalismo) são guiados pela metáfora conceitual de "o povo"/"nação" como uma única entidade animada com sua própria vontade, com direito a governar seus próprios assuntos. Em ambos os casos, há claramente um "outro" que ameaça o "espaço" das pessoas. Porém, a organização metafórica da situação é diferente e pode originar reações sociais diferentes. O populismo tem mais probabilidade de favorecer a ação contra as elites, enquanto o nacionalismo tende a estar associado à xenofobia e ao "jingoísmo" (BREEZE, 2018).

Portanto, o termo "nacionalismo excludente" está sendo usado para definir projetos nacionalistas com uma definição estreita, geralmente étnico ou cultural, de quem pode pertencer à nação. Este seria o caso do UKIP e do AfD (na Alemanha), que operam em um nacionalismo mais ou menos excludente. O discurso é fortemente influenciado por uma visão etno-nacionalista de sociedade. Enxerga-se o povo com uma forte identidade de grupo, ameaçada em seu território por intrusos que representam uma ameaça física (crime,

terrorismo), uma ameaça cultural (contaminação da cultura nacional através do “multiculturalismo”) e uma ameaça socioespacial (escolas e hospitais lotados). Os partidos UKIP e AfD podem ser descritos como fundamentalmente nacionalistas e excludentes em espírito, mas que utilizam discursos populistas para fortalecer seu apelo (BREEZE, 2018).

### **3.3 Material e metodologia**

Até o presente momento nós utilizamos como fontes de pesquisa sites de órgãos oficiais governamentais e intergovernamentais, artigos científicos acadêmicos, livros e notícias de jornais. A partir deste momento, a análise dos discursos políticos do UKIP e do SNP terá como fonte de coleta de dados os sites oficiais e as contas oficiais do Youtube de ambos os partidos. Utilizaremos os manifestos oficiais encontrados nos websites dos partidos e os discursos de conferência partidária de 2019 de ambos os partidos. Conferências partidárias são encontros anuais gerais dos partidos onde seus líderes políticos se reúnem para discursar, discutir as políticas e estabelecer a agenda.

Acerca da metodologia de pesquisa, nos baseamos nas abordagens de caráter interpretativa e ideacional para análise qualitativa do discurso político. O Método interpretativo (ou interpretativista) é muito comum nas Ciências Sociais, que é ela mesma, por natureza, interpretativa. Por sua vez, o método ideacional é uma das principais abordagens no estudo do conceito de populismo.

A interpretação dos dados e pressupõe algo mais subjetivo, pois tal método busca analisar a ação social e a criação de significados, o que pode levar à categoria teórica vaga de “ideativo” como uma série de termos que são intercambiáveis e sinônimos, como: valores, crenças, ideias, normas, valores, tradição, narrativas, etc. Mas existe uma necessidade da análise política por meio de sua natureza retórica. Cientistas políticos começaram a perceber que para explicar alguns aspectos da mudança política e políticas dentro do governo, é preciso entender o papel das ideias. Em geral, as ideias ainda são examinadas por cientistas políticos apenas para serem reduzida a um efeito da ação instrumental de políticos interessados (FINLAYSON, 2004).

Análises ideacionais e interpretativas tendem a examinar erroneamente as ideias, quando deveriam estar examinando os argumentos, o que requer o desenvolvimento de uma

análise política retórica, não só uma análise crítica do discurso, porque esta última entende a oratória como mera defesa de interesses, enquanto que pela análise da retórica conseguimos identificar o processo pelo qual os atores políticos pensam e raciocinam sobre o mundo, abordam não só sua própria tradição, mas outras, empregam a narrativa como maneira parcial de explicar as coisas, para, então, declarar algo como um dilema, tudo isso como parte de uma estratégia visando realizar uma mudança. Tudo isso faz parte da forma e do conteúdo argumentativo, que apoiado em tradições de pensadores distintos (Stuart Hall, Habermas, Skinner, etc.) servem para consolidar uma abordagem interpretativista dos argumentos políticos (FINLAYSON, 2007).

O sujeito principal do interpretativismo é a agência intelectual individual, porém, dentro de um processo de construção da realidade, de construção de histórias/narrativas que explicam o mundo, e quando usam da retórica, permeada de figuras e de linguagem, para montarem seus argumentos (FINLAYSON, 2007).

O primeiro passo para investigar sistematicamente a retórica é especificar um *corpus* de argumento: um discurso único de um ator político ou vários sobre uma questão específica ao longo dos anos. O contexto das situações (sua situação retórica) em que ocorreram deve ser devidamente identificado (FINLAYSON, 2007).

O segundo passo é que devemos prestar atenção à quatro tipos de argumento: de conjectura, de definição central, de qualidade e de lugar.: Argumentos de conjecturas dizem respeito a fatos, se algo é ou, se aconteceu ou não; Argumentos de definição central tentam definir algo em um maneira vantajosa por meio de sua nomeação; Argumentos de qualidade dizem respeito à natureza de uma ação, se é bem-intencionada ou não; Argumentos de lugar tentam estabelecer os limites de argumento político e servem para definir a agenda do debate (FINLAYSON, 2007).

Baseando-se na retórica clássica de Aristóteles, Finlayson (2007) identifica três gêneros de retórica, aos quais deveríamos prestar atenção: forense, epidítico e deliberativo. Nos discursos epidíticos o objetivo é o elogio ou condenação de algo. Na retórica forense a preocupação é com a acusação ou defesa, com uma justiça ou injustiça, em demonstrar os motivos e o caráter de alguém. Na retórica política deliberativa a preocupação é em coisas que poderiam, ou não, acontecer, a fim de incentivar ou impedir sua ação.

De acordo com Finlayson (2007), deveríamos prestar atenção também aos “lugares comuns” que alimentam a estratégia retórica. Identifica-se três modos principais de persuasão: ao ethos, ao pathos e ao logos. Os recursos baseados em logos são os que interessam para oferecer justificativas lógicas. Os apelos ao ethos baseiam-se no caráter do orador, por sua honestidade, por sua autoridade, por seus conhecimentos e sua experiência no assunto em discussão. Ao pathos não foi dedicada muita explicação do autor, mas subentende-se de algum jeito que seja, na forma de se expressar do ator político em questão, sua qualidade de invocar/estimular a empatia, o sentimento e a emoção.

Finlayson aponta que a coleta de dados para análise política dos argumentos pode se dar pela mídia audiovisual, amplamente disseminada em democracias consolidadas. Mudde & Kaltwasser, por exemplo, definem algumas fontes de dados utilizados por aqueles que pesquisam sobre populismo, sob o método chamado ideacional (citado por Finlayson), e que permitem uma análise empírica sobre o fenômeno do populismo, como: artigos de notícia, discursos de atores políticos, manifestos partidários e até mesmo a existência de “atitudes populistas” (FINLAYSON, 2007; MUDDE; KALTWASSER, 2018).

Mudde & Kaltwasser (2018) definem três (03) abordagens principais no estudo do conceito de populismo: a abordagem ideacional, a abordagem político-estratégica e a abordagem socio-cultural. A abordagem ideacional possui vantagens por certos motivos.

A abordagem ideacional procura definir o populismo como algo que deve ser concebido como um conjunto específico de ideias distintas das ideologias clássicas (como o fascismo e o liberalismo), pois possui um “escopo programático”, ou seja, o conteúdo dos objetivos e dos propósitos daquele movimento ou partido, com um sistema de crenças de alcance limitado. Além disso, é algo quase sempre ligado a outros elementos ideológicos e por isso, não deveríamos estudar o conceito de populismo isolado (MUDDE & KALTWASSER, 2018).

A definição de populismo como uma ideologia tênue permite entender a maleabilidade do conceito. O populismo aparece necessariamente ligado a outros conceitos ou famílias ideológicas, que são tão relevantes para os atores populistas como o próprio populismo. Isso significa que o populismo pode assumir formas muito diferentes, que dependem de como os conceitos centrais do populismo parecem estar relacionados a outros

conceitos. Além disso, definir populismo como uma ideologia nos permite levar em consideração não só como o populismo como um estilo ou estratégia, mas o suporte de massa para ideias populistas (MUDDE & KALTWASSER, 2017).

A abordagem ideacional também nos ajuda a entender melhor a relação entre populismo e democracia. O povo é visto como honesto, enquanto a elite é retratada como corrupta, logo seriam a favor do que costuma ser chamado de democracia mínima ou processual (não a democracia liberal), definida como soberania popular e maioria. A soberania popular se torna o valor máximo. O populismo se torna uma resposta iliberal democrática a um liberalismo não-democrático (MUDDE & KALTWASSER, 2018).

Ao contrário das definições que limitam o populismo a um tipo de mobilização e liderança, a abordagem ideacional é capaz de acomodar uma ampla gama de atores políticos normalmente associada ao fenômeno. Assim, a abordagem ideativa está posicionada de maneira única para fornecer uma resposta mais abrangente e multifacetada ao ponto crucial em debates sobre populismo (MUDDE & KALTWASSER, 2017).

As outras duas (02) abordagens ao estudo do populismo são: a abordagem político-estratégica e a abordagem socio-cultural. Respectivamente, a primeira define populismo como uma abordagem estratégica de um líder carismático que procura governar com apoio direto de seus seguidores, ou seja, seu eleitorado, enquanto a segunda define o conceito como um estilo folclórico de política usado por líderes que se comportam mal e que procuram uma conexão maior com seu eleitorado. Os problemas são que primeira definição foca demasiadamente na figura do líder, ignorando o papel de outras forças populistas, enquanto a segunda não conta com aqueles líderes que não se comportam mal (MUDDE; KALTWASSER, 2018).

Esperamos encontrar, nos discursos políticos da conferência partidária do UKIP de setembro 2019, menções aos três conceitos básicos do populismo: o povo, a elite e a vontade geral. O conceito de povo deve vir atrelado ao povo “britânico”. Em relação à elite, esperamos encontrar críticas, em especial, à elite midiática, à elite política da Escócia e da União Europeia. Também esperamos encontrar menções à vontade geral do povo que apareçam em um contexto de discussão sobre a decisão de sair da UE (Brexit) e sobre o tema da “devolução”, para que o sistema estatal do Reino Unido se mantenha como uma União de

quatro nações. Por conta da data dos discursos, naturalmente eles estarão permeados pelo contexto de saída do Reino Unido da UE. Também esperamos encontrar críticas ao Partido Nacional Escocês.

Esperamos encontrar, nos discursos políticos da conferência partidária do SNP de setembro 2019, menções ao povo Escocês e à nação escocesa. Esperamos encontrar críticas à decisão do Reino Unido de sair da União Europeia, bem como críticas ao governo do Reino Unido em si.

### *3.3.1 Discursos políticos do United Kingdom Independence Party (UKIP)*

Ao todo foram ouvidos dezesseis (16) membros do UKIP que discursaram na conferência realizada em setembro de 2019 em Newport, em dois dias distintos. Entretanto, selecionamos os trechos de discursos de dez (10) líderes políticos. São eles: Neil Hamilton, Gareth Bennett, Robin Aitken, David Kurten, Katie Hopkins, Richard Braine, Carrie Talbot, Pete Muswell, Donald McKay, Ernie Warrender. Não foram selecionados quaisquer discursos dos políticos Susan Mason, John Kitson, Stewart Agnew, Alan Love, Liz Jones e Freddy Vachha, pois, apesar de terem sido ouvidos, não foram encontradas questões que remetem necessariamente aos tópicos a seguir, e sim à temas diversos e questões gerais do partido. Utilizamos também o manifesto oficial encontrado no website do partido.

Distribuimos os tópicos nos seguintes temas: 1) Povo (apelo ao povo, apelo ao povo como soberano e apelo ao povo como britânico); 2) Elite (elite política, elite midiática e elite da União Europeia); 3) Vontade geral do povo; 4) Ameaças (ameaça física, cultural e socioespacial); e; 5) Unionismo.

Como havíamos notado no capítulo dois (02), O UKIP é a favor de uma retirada completa da União Europeia, de acordo com o partido, a Grã-Bretanha será uma nação mais próspera fora do Bloco (UKIP, 2019). No Pós-Brexit, a política externa da Grã-Bretanha não precisará mais estar ligada às Políticas Externas de Segurança e de Defesa Comuns da UE, que nos envolveriam em suas ambições de política externa. “Devemos colocar as necessidades dos nossos próprios cidadãos em primeiro lugar” (UKIP, 2019).

A política externa da Grã-Bretanha deve ser estruturada sob o ponto de vista do que é do interesse nacional do Reino Unido (UKIP, 2019). O UKIP acredita que a Grã-Bretanha

não deve se envolver em conflitos internacionais, a menos que seja do interesse nacional (UKIP, 2019). “O UKIP retirará o Reino Unido das tentativas da UE de criar suas próprias forças armadas” (UKIP, 2019).

Acerca do comércio internacional, o UKIP afirma que a política comercial da Grã-Bretanha está sob o controle da União Europeia desde 1973. As empresas foram obrigadas a obedecer à legislação da UE, mesmo quando não exportam para a UE. O Reino Unido tem um déficit comercial total com a UE de £ 64 bilhões, mas um superávit comercial total com o resto do mundo de £ 33 bilhões. Fora da EU, a Grã-Bretanha será livre para seguir seu próprio comércio e políticas comerciais (UKIP, 2019)

#### 1) Povo

Menções ao povo podem ser classificadas: apelo ao povo, apelo ao povo como soberano e apelo ao povo como britânico (nação britânica). Disso surgem adjetivos que classificam o povo como “pessoas comuns”, “povo comum”, “pessoas decentes comuns”, “pessoas trabalhadoras comuns”, “pessoas que trabalham duro” e “pessoas comuns que trabalham duro”.

#### *Apelo ao povo*

Nota-se menção ao UKIP, se referindo ao partido como movimento espontâneo do povo: “*We have grown out of the people, we’re a spontaneous movement*” (HAMILTON, 2019).

Se referindo ao UKIP, Neil Hamilton expressa o desejo do Reino Unido de se autogovernar:

*“we’re going to campaign for the integrity of the United Kingdom, we’re going to campaign for the interests of the working people [...] and continue to campaign for the continued Independence of the United Kingdom, and we are sovereign independent nation in the world taking decisions for ourselves, governed by the people”* (HAMILTON, 2019).

Muswell critica o tratamento dado aos veteranos, que retornam de serviço e que foram abandonados pela “classe política”. O político ressaltou: “[...] *I firmly believe that someone has to stand up for the ordinary decent people of this country, the ordinary hard-working*

*people [...] the people that Labour have forgotten and they used to represent” (MUSWELL, 2019).*

Ainda se referindo a situação dos veteranos, Pete Muswell direciona uma crítica aos políticos: *“We will always be here to expose the cowardice and betrayal of politicians who fail to honor our military government or to stand up for the ordinary decent hard-working people of this great nation, a decent nation does not betray it’s finest citizen” (MUSWELL, 2019).*

#### *Apelo ao povo como soberano*

Hamilton direciona críticas ao Parlamento Britânico: *“We the British People are the sovereign legislature of this country not the time servers in the House of Commons. They claim to override the right of the people but they are representatives of the people” (HAMILTON, 2019).*

#### *Apelo ao povo como britânico*

Katie Hopkins expressa apelo para tratamento prioritário aos nacionais britânicos *“It is our job to build a movement of proud British nationals [...]”*. *“We will hold the line and put British nationals firmly at the front of the queue” (HOPKINS, 2019).*

Para Robin Aitken: *“[...] the best liberal traditions in the country is that people can live their own lives in the way they want to [...] I think that’s central to the British character” (AITKEN, 2019).*

Para Richard Braine: *“[...] you are [...] the people who worked hard for 27 years to reassert the principle of nationhood and allow the British people to be proud to be British again” (BRAINE, 2019).*

Afinal, é uma honra e um privilégio nascer britânico: *“It is an honor and a privilege to be born British” (MACKAY, 2019).*

## 2) Elite

Acerca da elite, foram direcionadas críticas à elite política (partidos políticos *mainstream* do Reino Unido, como os liberais democratas e os trabalhistas, bem como o

Parlamento Britânico e o Parlamento Escocês), à elite midiática (figuras individuais da mídia, BBC) e à elite da União Europeia.

### *Elite política*

Os liberais democratas não estariam interessados nas opiniões do povo britânico: *“they aren’t interested in democracy, they certainly aren’t interested in the opinions of the British people, well let’s hope the British people take their revenge upon them in the next general election”* (HAMILTON, 2019). Se referindo aos liberais-democratas como “absurdo progressivo”: *“Let’s sweep away their progressive nonsense and establish excellence once again so we can be an excellent nation that we have the potential to be”* (KURTEN, 2019b)

Hamilton direciona críticas ao Parlamento Britânico em oposição ao povo britânico: *“those in power don’t understand the struggles of everyday people”* (TALBOT, 2019)

Também houve críticas ao Parlamento Escocês e ao Partido Nacional Escocês (SNP). *“The Scottish Parliament and the Scottish National Party are tearing the guts out of Scotland politically”* (HAMILTON, 2019).

Donald McKay se referindo ao Gabinete Escocês afirma que ele não está interessado em pessoas comuns:

*“[...] unfortunately, the people who rule Scotland [...] I’m not interested in people like that, they’re not interested in ordinary people who have a sense of patriotism and duty, they are a completely different group of politically motivated people and totally detached from the ordinary lives of ordinary people in Scotland”* (MACKAY, 2019).

O Gabinete Escocês está separado do povo comum: *“They are totally detached, divorced from the ordinary folk that are supposed to be looking after”* (MACKAY, 2019). Se referindo ao Parlamento Escocês, ele não possui propósito: *“We should get rid of it, they serve no useful purpose of any kind”* (MACKAY, 2019).

### *Elite midiática*

Se referindo à Emma Thompson e Elton John (figuras individuais da mídia): “[...] *it is actually a declaration of war on the interests and rights of ordinary working people*” (HAMILTON, 2019).

Carrie Talbot direciona críticas à BBC e à União Europeia:

*“It was UKIP that motivated a nation to believe in itself and to vote for Independence and freedom from the corrupt and tyrannical European Union, to embrace our true British nature, to keep calm and carry on even in the face of the propaganda spouted by the ‘biased broadcasting corporation’ and other left-leading outlets who are trying to sabotage the leave campaign”* (TALBOT, 2019)

### *Elite da União Europeia*

As críticas à União resultaram em uma série de adjetivos como “romaniacs”, “tecnocratas internacionais”, “tecnocratas abstratos”, “corrupta” e “tirânica”. Como, por exemplo, Neil Hamilton, se referindo a UE como: “[...] *collection of international technocrats who are not elected and whom we can’t even name*” (HAMILTON, 2019).

Se referindo ao seu orgulho de ser Galês e Britânico, Neil Hamilton afirma: “*The United Kingdom isn’t a abstract construct like the EU, some product of the fevered imagination of some abstract technocrats, we are a real nation, and a nation is a nation when it feels itself to be a nation*” (HAMILTON, 2019).

Além disso, se referindo a condição de membro do Reino Unido da União Europeia, Neil Hamilton afirmou:

*“[...] and what do you think of the damage which has been done to ordinary working people in the last fifty years by britain’s membership of the EU, what on Earth is the Labour Party doing supporting a gang of international technocrats who lives in the first class carriages of the Brussels gravy train, living it up at our expense”* (HAMILTON, 2019).

Algumas críticas refletiram na ideia de perda de soberania do país para a União Europeia. Gareth Bennett, por sua vez, disse:

*“[...] sinister aspects of the devolution relate to the issue of sovereignty. UKIP spent 25 years arguing for the sovereignty of the*

*United Kingdom and the United Kingdom Parliament, which UKIP has argued correctly was being eroded without by the European Union in Brussels” (BENNETT, 2019).*

Pete Muswell critica a “monstruosidade” da União Europeia em criar um exército europeu, pois isto implicaria em minar a soberania da Grã-Bretanha. Afirma que o país não deveria ceder questões de defesa nacional para a União Europeia por conta disso: “[...] *handing control of our national defense to the EU is a catastrophic risk. If we hand over our defense we risk losing our sovereignty and ceasing to be a country at all*” (MUSWELL, 2019).

### 3) Vontade geral do povo

Se referindo à União Europeia, Neil Hamilton afirma que não aceitam a vontade do povo: *“Romanians who will simply not accept the will of the people, and all they set out to do is defy the will of the people”* (HAMILTON, 2019).

### 4) Ameaças

As ameaças podem ser divididas em ameaça física, cultural e socioespacial.

#### *Ameaça física*

Não foi encontrado no manifesto e nos discursos do UKIP, algo que simbolize uma ameaça física, como, por exemplo, o terrorismo.

#### *Ameaça cultural*

Algumas ameaças culturais são, por exemplo: ameaça aos valores e liberdades do país, o politicamente correto, a imigração em massa e o Islã. O UKIP acredita que a imigração em massa descontrolada deve chegar ao fim (UKIP, 2019). A cidadania não será concedida aos migrantes até que tenham trabalhado no Reino Unido por 10 anos contínuos e estejam totalmente assimilados ao país, se comunicando na forma verbal e escrita em inglês fluente (UKIP 2019). Rejeitamos o multiculturalismo, a doutrina pela qual diferentes grupos étnicos e religiosos são encorajados a manter todos os aspectos de suas culturas, em vez de se integrar em nossa cultura majoritária (UKIP, 2019). O UKIP também está empenhado em promover o idioma inglês como um ingrediente comum que une a sociedade (UKIP, 2019).

O UKIP acredita que os direitos de liberdade de expressão, crença, consciência e expressão foram corroídos nas últimas décadas pelos conceitos do chamado “discurso de ódio” e “crime de ódio”, impulsionados pela “doutrina política do marxismo cultural”. (UKIP, 2019). O UKIP acabará com a cultura do policiamento politicamente correto (UKIP, 2019). Crianças são politicamente doutrinadas por "professores ativistas" que promovem confusão de gênero, alarmismo climático e ódio à nossa própria cultura e herança (UKIP, 2019).

Os políticos possuem a percepção de que existem ameaças culturais às liberdades e a independência do país. Se referindo ao UKIP, por exemplo, Neil afirma “[...] *devoted to national Independence, to civil liberties, to the basic freedoms [...] which are now under threat*” (HAMILTON, 2019).

Nota-se outra ameaça cultural - o politicamente correto, - que “sufoca o país”: “[...] *the growing beast of political correctness and I could see that is suffocating our country*” “[...] *and UKIP was the only party that I could see was going to stand against this political correctness, stand up for freedom*” (KURTEN, 2019a). O político salientou que a liberdade de expressão está sendo “corroída”, “desmantelada” e “desconstruída” (KURTEN, 2019a).

Existe também a percepção de ameaça cultural pela imigração em massa “*That’s what UKIP is standing against, because we are the party of the people, and we know that the British people are very worried about this country because of mass immigration*” (HAMILTON, 2019).

Katie Hopkins manteve um discurso anti-imigração e, inclusive, citou a previsão de crescimento da população muçulmana para 2035 e para 2050 no Reino Unido. Se referindo à imigração em massa e ao Brexit Party: “[...] *somehow forgetting about that poster of the migrant hordes that neatly summarized how many of us feel about our country being invaded was a big part of why we wanted to take our country back*” (HOPKINS, 2019).

Além disso, também temos o tema da imigração aparece em oposição aos nacionais britânicos: “[...] *there is about to be and is now a vast swathe of unrepresented Brits who voted for brexit because they wanted to put British people first and are not afraid to confront the forbidden matter of migration [...]*” (HOPKINS, 2019).

Kaite Hopkins também afirma (sobre a imigração) a necessidade de se priorizar nacionais britânicos: *“But after brexit we will need a Strong party just like UKIP willfully standing on a platform that is about controlling imigration, putting British nationals at the front of the queue and prioritizing our elderly and the hardest-working in this country of ours”* (HOPKINS, 2019).

Pois a imigração descontrolada afeta os mais pobres e a cultura do país: *“See after watching those TV debates I now understood how mass uncontrolled migration had been hurting the very poorest people across the whole of Europe”* (MUSWELL, 2019). *“[...] when we allow people to settle in this country, they want to embrace ou culture not change it”* (MUSWELL, 2019).

O Islã também é retratado como ameaça cultural: *“we have a problem in this country with Islam no one would deny that”* (WARRENDER, 2019). Na visão do partido, “Islamofobia” é uma palavra inventada para silenciar a discussão e a crítica de uma religião em particular (UKIP, 2019).

#### *Ameaça socioespacial*

Um exemplo de ameaça socioespacial pode ser encontrado na fala de Katie Hopkins, quando afirma que:

*“Native Brits, British nationals should be first in the queue ahead of recent arrivals of non-British citizens, they should be first in the queue for school places, no matter where the migrants recently moved into the area [...] British should be first in the queue for Doctors surgeries with all else waiting their turn. And our lovely British nationals who have supported this country for so long worked hard all their lives should be first in the queue for elderly care and nursing homes [...]”* (HOPKINS, 2019).

Pete Muswell, por sua vez, ressaltou: *“[...] as a result we have overburdened our schools, our housing NHS and welfare systems neglecting the very people whose taxis paid for it in the first place”* (MUSWELL, 2019).

O NHS está aberto a abusos generalizados por cidadãos de fora do Reino Unido (UKIP, 2019). O Reino Unido não teria um problema de moradia/habitação, mas um

problema de demanda, que está sendo alimentada pela imigração em massa descontrolada (UKIP, 2019).

### 5) Unionismo

Gareth Bennett anuncia o final Reino Unido como Estado soberano unido: “[...] *surely we are heading for the end of the United Kingdom as a unified sovereign state, and UKIP is a unionist party, perhaps now we are the only true unionist party*” (BENNETT, 2019).

Por sua vez, Donald McKay faz uma afirmação sobre o UKIP não estar focado apenas no patriotismo inglês, pois é unionista “*I would with to make a plea that we don’t forget that UKIP is a unionist party, we’re not the English nationalist party, we’re not a party that focus exclusively on England or English patriotism, not that in any sense is that anything wrong with that*” (MACKAY, 2019).

Por tais motivos o UKIP é a favor da abolição das assembleias e parlamentos regionais: “*UKIP is in favor of the abolition of [...] the Scottish Parliament, [...] the Northern Irish Assembly, [...] the Welsh Assembly and in London the regional Assembly*” (MACKAY, 2019). Donald McKay afirma que o partido não crê em devolução: “[...] *we don’t believe in devolution, we want rid of it [...] we believe that all of the four nations are part of the same nation [...]*” (MACKAY, 2019).

### 3.3.2 Discursos políticos do Scottish National Party (SNP)

Ao todo foram ouvidos setenta e sete (77) políticos e membros do SNP que discursaram na conferência realizada em setembro de 2019 em Edimburgo. Entretanto, selecionamos os trechos de discursos de onze (11) líderes políticos. São eles: Michael Russell, Deidre Brock, Richard Lockhead, Heather Anderson, John Swinney, Bill Ramsay, Chris Hamlyn, Jeane Freeman, Ian Blackford, Drew Hendry e Nicola Sturgeon.

Políticos e membros do Partido que foram ouvidos, mas não tiveram seus discursos selecionados, foram: George Adam, Tommy Shepherd, George Kerevan, Chris Stephens, Keith Brown, Lewis McAskill, Ruth Maguire, Julia Stachurska, Wendy Van Lewin, Kirsty Blackman, Emma Harper, Kristeen Curry, Gareth Morgan, Eddie Phillips, Robin Graham, Erin Jarvis, Graham Surtherland, Hannah Birdale, Gavin Newslands, Bob Doris, Linda Fabbiani, Derek McKay, Randall Foggie, Jim Stamper, Alan Crockett, Agnes Mc Gowan,

Timothy Ridout, Cameron Archibald, Christopher McIlhenny, Kate Forbes, Graham McCormik, Roger Mullen, Jeremy Fernandez, Susan Aitken, Dave Johnson, Gene Anderson, Ron Dixon, Jonathan McCall, Michelle Campbell, Jeff Thompson, Patrick Gradey, Joana Cherry, Craig Lundie, Christine Graham, Allison Thewlis, Julie Hepburn, Fiona Sawar, Philippa Whitford, Marion Fellows, Ronnie Curran, Stuart McMillen, Christopher Duffy, Declan Blench, Ronnie Karen, Angus McLeod, Katy Loudon, Claire Haughey, Christina McKelvie, Abby Hastings, Pam Mitchell, Joe Farrell, Peter Clements, Alexander Anderson, Chris Evans, James Procter, Fergus Ewing, Michael Gibbons, Jack O’Neil e Kevin Stewart. Apesar de terem sido ouvidos, não foram encontradas questões que remetem necessariamente aos tópicos a seguir, e sim à temas diversos e questões gerais do partido. Utilizamos também o manifesto oficial encontrado no website do partido.

Distribuímos os tópicos nos seguintes temas: 1) Povo Escocês; 2) Brexit; 4) União Europeia; 4) Multiculturalismo; e; 5) Governo do Reino Unido e *Conservative Party*.

O SNP acredita que a adesão à UE oferece benefícios sociais, econômicos e culturais para indivíduos, empresas e comunidades em toda a Escócia. A a melhor maneira de construir uma Escócia mais próspera e igualitária é ser um membro totalmente independente da UE. O SNP também se manifestou positivamente em se manter em instituições europeias como o Euratom e a Europol. (SNP, 2019). Por conta do seu caráter independentista o SNP se manifesta em apoio ao direito das pessoas à autodeterminação, como por exemplo no caso europeu da Catalunha (SNP, 2019).

#### 1) Povo Escocês (como soberano)

Se referindo aos Tories, Ian Blackford afirma: “[...] *who don’t give a damn about the ordinary working people in Scotland*” (BLACKFORD, 2019). Sobre o objetivo de realizar outro referendo para a Independência da Escócia. “*Westminster must respect the sovereign of the people of Scotland.*” (BLACKFORD, 2019). Além disso: “*Scotland will not be dragged out of the European Union against our will. It will be the right of the people to determine our future not the Prime Minister.*” (BLACKFORD, 2019).

## 2) Brexit

Surtiram várias críticas ao *Brexit* e aos “brexiteers” de extrema-direita. O *Brexit* foi adjetivado de “caótico”, um “ato de sabotagem dos Tories”, uma “ameaça” que levará ao caos e a um desastre econômico. “*Brexit is an unforgivable act of Tory sabotage on our country.*” (STURGEON, 2019). “[...] *today we face a great Brexit threat, European research grants at risk, collaboration damaged, European academics leaving.*” (STURGEON, 2019). “*Scotland’s not for Brexit, Scotland’s for Europe and if you want to keep Scotland in Europe vote SNP.*” (STURGEON, 2019). “[...] *the choice before us is between Brexit and Scotland as an independent European nation.*” (BLACKFORD, 2019). “*SNP MP’s will fight to stop Brexit. Scotland has been completely ignored throughout the Brexit process. Westminster is dragging us down the path to economic disaster.*” (BLACKFORD, 2019).

Michael Russel, que elogia o trabalho do nacionalista escocês Paul Scott, para o esforço atual de atingir a autonomia da Escócia por meio de uma cooperação através da Europa, cita SNP como parte de um movimento nacional para a independência da Escócia. “*We need to encourage everyone who lives here to play a part in our national story*” (RUSSEL, 2019).

Mitchael Russel critica a decisão do reino Unido sair da EU, por conta dos valores da sociedade escocesa, além de questões econômicas e da questão da liberdade de movimento:

*“Much of what we as a nation have experienced during the Brexit process has been at odds with the values of our society in Scotland”* (RUSSEL, 2019). “*Brexit, if it happens, will deliver a devastating blow. It will destroy thousands of jobs, it will, by driving away talented and welcoming EU citizens, undermine whole industries and decrease population in our rural areas.*” (RUSSEL, 2019).

Para Deidre Brock:

*“Brexit hasn’t yet arrived but we can see the storm gathering about to engulf us and the UK government is building shelters out of straw and old tissue issues. We would be so much better leaving them behind and creating a better future for ourselves as an independent member state of EU with all the protection that brings.”* (BROCK, 2019).

Richard Lockhead, ao citar os impactos negativos para a Pesquisa & Inovação da Escócia, ao sair da EU, afirma dos pontos negativo do Brexit: *“Brexit brings no wins whatsoever, only losses.”* (LOCKHEAD, 2019). Ele afirma:

*“[...] we need to stop Brexit, and we need the powers of independence to stop Brexit as well, so we can protect our word-leading reputation for science and innovation and research, so we can protect our colleges and universities, and research institutions, so we can ensure we are protecting the future of Scottish economy and also our future generations, and allow us, as a nation, to contribute to the development through discovery and research [...] but we need to stop Brexit and we need independence in our country to do that”* (LOCKHEAD, 2019).

Pois o Brexit ameaça a prosperidade escocesa:

*“Our ambition, for our people, it’s to grow a fairer, inclusive, welcoming and prosperous country, filled to the brim with talent and opportunity [...] that’s our vision for our nation. Brexit threatens all of that. It threatens to make our economy smaller, our people poorer, and our country weaker. [...] we will not accept the Brexit process that’s silences Scotland, treats our Parliament and government with contempt and fails to represent the interests of the people of Scotland.”* (BLACKFORD, 2019).

### 3) União Europeia

A União Europeia foi vista como algo essencialmente positivo, como um facilitador para a Independência escocesa, que colocará a Escócia em paridade com outras nações europeias. Outros pontos positivos são a questão econômica, o mercado único, liberdade de movimento e o investimento em educação. A União Europeia serve de facilitador para que a Escócia consiga a autodeterminação: *“[...] with the absolute right to international recognition, and full membership of international partnerships like the EU, Scotland in moving inexorably to Independence.”* (RUSSEL, 2019). *“With independence, it is the people of Scotland who will choose the powers we share. That’s why I want Scotland to be an independent member of the European Union. A sovereign nation working with its equals and partners.”* (FREEMAN, 2019).

Muitos salientaram sobre o futuro da Escócia na Europa. *“I just want to tell Westminster that Scotland is going to be in Europe with or without you!”* (ANDERSON, 2019). *“For Scotland to play a full role in the community of European nations.”* (FREEMAN,

2019). *“We believe our future lies in Europe. Scotland is for Europe.”* (FREEMAN, 2019). *“[...] as an independent Scotland the metaphorical bridges will be with our partner nations across Europe and the world [...]”* (HENDRY, 2019).

Deide Brock salienta questões positivas sobre os produtores de alimentos escoceses, em se manterem no Mercado Único da União Europeia: *“That’s a big consideration for any nation wanting to trade with the world’s biggest single Market.”* (BROCK, 2019).

A Escócia possui vantagens desproporcionais na União: *“Scotland benefits disproportionately from EU membership, therefore we will be damaged disproportionately as well.”* (LOCKHEAD, 2019).

Um dos maiores benefícios da União é a liberdade de movimento. O SNP acredita que o Reino Unido deve permanecer no mercado único da UE e continuar a beneficiar da livre circulação de pessoas (SNP, 2019). *“Let’s make sure that people from elsewhere in Europe, who make Scotland their home, know we are standing up for them.”* (FREEMAN, 2019). Jeane Freeman aponta que:

*“One of the huge benefits we realize from the EU is freedom of movement. Freedom of movement that helped us attract medical researches and students from across the continent. Brexit squanders the benefit we get from EU funded research programs and seriously threatens the competitiveness of our medical research industry. Freedom of movement also brought woman and men from Europe into our health and care services, providing day-in day-out care in Scotland [...]”* (FREEMAN, 2019).

Outro benefício nisso, é a imigração, pois cerca de 8.000 cidadãos da UE vieram morar na Escócia e trabalhar no setor de alimentos e bebidas. Todos os anos, até 15.000 trabalhadores migrantes sazonais também ajudam a “colher nossas frutas” (SNP, 2019). Os cidadãos da UE de fora do Reino Unido que vivem na Escócia representam 3,25% da população e enriquecem a cultura, fortalecem a sociedade e dinamizam a economia (SNP, 2019).

Nicola Sturgeon, se concentrou em dizer os pontos positivos da Escócia como nação independente na União Europeia, citando razões econômicas e sociais, mas também pelos valores, que no momento estão sendo atacados por “forças extremistas”. *“Our economic and social ambitions can be best realized is Scotland is a member of the European Union.”*

(STURGEON, 2019). *“It’s time to take our place among the family of independent European nations.”* (STURGEON, 2019).

A líder do Partido aponta que:

*[...] the EU is far from perfect, but membership is not just about economic and social benefits [...] it’s also about the values we cherish, freedom, democracy, the rule of law, equality, respect for human dignity and human rights. In our world today these values are under attack from the forces of intolerance and extremism. But they are values that we must fight for and stand up for [...]*” (STURGEON, 2019).

Outro ponto positivo se dá por conta da condição escocesa de nação pequena: *“[...] for independent countries of our size, the EU does not curtail sovereignty, it enhances and amplify it”* (STURGEON, 2019). Todos os 27 membros da União Europeia e do Reino Unido são - por definição - países independentes. Nove deles têm populações menores do que a Escócia (SNP, 2019).

Com a Escócia fora do bloco, existirá uma perda nos investimentos socioeconômicos dos fundos europeus para a Escócia: *“[...] Scotland will lose 841 million euros of EU funding between 2020 and 2027”* (HENDRY, 2019). Para o período de 2014 a 2020, a Escócia receberá cerca de £ 410 milhões do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (SNP, 2019). A cultura, o ambiente histórico e as indústrias criativas se beneficiam de programas de parceria e financiamento da UE, como os Fundos Estruturais e de Investimento Europeus, Horizonte 2020 e Europa Criativa (SNP, 2019). Os setores de frutos do mar e marinhos irão se beneficiar com cerca de £ 150 milhões do Fundo Europeu e Marítimo de Pesca entre 2014 e 2020 (SNP, 2019).

Além disso, estima-se que cerca de 300.000 empregos na Escócia dependem do nosso comércio com o resto da EU (SNP, 2019). A UE é uma rota de exportação vital para as empresas escocesas - representaram quase metade das exportações internacionais da Escócia em 2017 (SNP, 2019).

#### 4) Multiculturalismo

A atual líder do Partido enfatizou que o partido possui como característica ser inclusive e progressivo: *“Proud that the Scottish independence movement is defined by progressive inclusive internationalism.”* (STURGEON, 2019).

Chris Hamlyn, por sua vez, afirma que o SNP é pró-imigração: *“[...] we are a party that is pro-immigration, we want and we welcome more people to live in Scotland.”* (HAMLYN, 2019).

#### 5) Governo do Reino Unido e o Conservative Party

Surtiram várias críticas ao governo do Reino Unido situado em Westminster, que foi adjetivado de “caótico”, “arcaico”, “fora de alcance”, “arrogante”, “governo conservador insensível” (*Conservative Party*), “sistema cruel e insensível”, “sistema quebrado” de Westminster, “uma administração que não mais funciona”, que possui um comportamento “apavorante”, “políticas falidas” e uma “má gestão”, e que por fim, falhou com a Escócia. *“[...] the future of our nation will only be enhanced when we break free from the dangerous, nasty and failing politics of Westminster.”* (BLACKFORD, 2019).

As críticas ao Governo são refletidas no discurso de Russel, que afirma: *“Brexit is not only the reason for change in our constitutional status, but it is a massive object lesson in the continuing failure of an archaic, deeply divided and out-of-touch Westminster system which looks, sounds, and is well past its sell-by date.”* (RUSSEL, 2019). *“[...] it’s not hard to find negative reasons based on absolute dismay and appalling Westminster behavior which would drive any sensible rational person into supporting a Scotland with a clear, direct and independent voice in the EU and in the world.”* (RUSSEL, 2019).

Além disso:

*“Trying to deliver that poisoned policy in the most intransigent, the most arrogant UK government ever. It shown contempt for Scotland and the views of the people of Scotland. It has ignored those who voted not to leave the EU, but incredibly, it’s even alienated those who did vote to leave the EU. And that government has also set its face against allowing people to choose their own future.”* (RUSSEL, 2019).

Não faltaram críticas ao Partido Conservador: “*While Westminster has been paralysed by Brexit, while the Tories have inflicting their damaging civil war in the rest of us, we have been building a new Scotland.*” (SWINNEY, 2019).

Bill Ramsay, que se considera um escocês nacionalista afirma que o Estado Britânico está desintegrando: “[...] *the British state is disintegrating before our eyes*” (RAMSAY, 2019).

O SNP não crê em devolução, mas ultimamente em Independência: “*I also wish we didn't live in a system of governance, devolution, which dances around the outmoded, almost immediate evil, idea of a sovereign parliament at Westminster*” (RUSSEL, 2019).

Também houve críticas aos sonhos de Império do Reino Unido. “[...] *as long as we're furling to the UK's decaying dreams of empire, we should be ensured those making decisions about Scotland are keeping Scotland's needs in mind.*” (BROCK, 2019).

O Sistema do Reino Unido falhou com a Escócia: “*The United Kingdom political system has failed and it has failed Scotland utterly.*” (SWINNEY, 2019). Afirma John Swinney que:

*“The survival of the Tory Party has been more important than protecting the jobs, the livelihoods and the opportunities of the people of our country. Scotland's vote to remain in the EU has been ignored. The overwhelming majority demand of the Scottish Parliament for a different course has been rejected.”* (SWINNEY, 2019).

Segundo Ian Blackford “*Scotland is ignored by Westminster.*” (BLACKFORD, 2019). As opiniões acerca do *Brexit* e do referendo de independência trouxeram uma sensação de que foram ignorados pelo Reino Unido. “[...] *the words of the 2014 no campaign about Scotland's place in the United Kingdom counted for absolutely nothing.*” (SWINNEY, 2019). “[...] *the last three years since the Brexit referendum have made one thing very clear to the people of Scotland: the voice of our country has been ignored by the UK government.*” (SWINNEY, 2019). A Escócia foi tratada com desprezo por Westminster. Nossos esforços para chegar a um compromisso e proteger os interesses do povo da Escócia, que votou esmagadoramente pela permanência na UE, encontraram um muro de tijolos (SNP, 2019).

### 3.4 Análise conclusiva

Notou-se que os líderes políticos do UKIP expressam uma visão social-conservadora, nacionalista, que não nega as tradições liberais do país, mas que está em oposição à visão essencialmente social-liberal, do *Liberal Democrats* e do *Labour Party*, que por sua vez são cétricos sobre o nacionalismo e apoiam o multiculturalismo.

O UKIP utiliza do apelo populista para angariar eleitorado, apesar de não ser essencialmente o único partido populista do Reino Unido. O partido também expressa uma identidade nacionalista-excludente. Existe um apelo forte ao *ethos* do povo, que o partido se identifica como “movimento espontâneo” e fruto do povo. Isto é presente em seu discurso quando clama defender o interesse das “pessoas comuns”, “pessoas trabalhadoras comuns”, ou seja, a grande massa de trabalhadores do povo, mas também utiliza da metafórica conceitual de povo atrelado à nação, em uma perspectiva cultural, quando se trata de colocar os nacionais britânicos como prioridade em relação à outros.

Na visão populista do UKIP muitas das “pessoas comuns” - ora se fala dos nacionais britânicos, por exemplo - foram abandonadas pela classe política, invoca-se um argumento de *pathos*. Por tais motivos foram direcionadas críticas à “elite”, que está distante do povo. A “elite política” pode ser caracterizada em três aspectos: primeiramente, a elite entendida como os partidos políticos *mainstream* do Reino Unido, como os liberais democratas (*Liberal-Democrats*) e os trabalhistas (*Labour Party*) do Parlamento Britânico. Houve também hostilidade ao Gabinete e o Parlamento Escocês. Em segundo lugar, em relação à elite política da União Europeia situada em Bruxelas, as críticas resultaram em uma série de adjetivos como “romaniacs”, “tecnocratas internacionais”, “tecnocratas abstratos”, e como “corrupta” e “tirânica”. Em terceiro, em relação à elite midiática foram citadas, em tom negativo, algumas figuras individuais da mídia em geral e a BBC.

Para o UKIP, existe uma definição étnica e cultural de nação, são contrapostos, por exemplo, o religioso cristão *versus* o praticante do Islã, o britânico nascido no Reino Unido *versus* o imigrante. Nesse sentido há uma visão de ameaças, do “outro”, do “migrante”, que pode ser perigoso. O partido clama defender a defesa da tradição e liberdades civis que estão sendo ameaçadas, principalmente por conta do politicamente correto e a imigração em massa e descontrolada (ameaças culturais). Houve críticas direcionadas à educação sexual e LGBT

nas escolas, e ao debate transgênero, mas também à imigração em massa, que é relacionada com a liberdade de movimento da União Europeia. A preocupação com a lotação das vagas em sistemas de saúde e habitação, motiva o discurso acerca de colocar a prioridade nacionais britânicos nos serviços públicos e implica na classificação de ameaça socioespacial.

O SNP não utiliza do apelo populista como o UKIP, apesar de existirem menções ao povo trabalhador comum. O SNP possui uma visão hostil ao Governo do Reino Unido em Westminster, que é por sua vez, taxado de “caótico”, “arcaico”, “fora de alcance”, “arrogante”, um “governo conservador insensível”, uma “ameaça”, o “sistema quebrado” de Westminster, “uma administração que não mais funciona”, que possui um comportamento “apavorante”, “políticas falidas” e uma “má gestão”, e que por fim, falhou com a Escócia. Também houve críticas à política de pensões e as políticas de austeridade do governo do Reino Unido.

Os membros do SNP identificam a Escócia como um “bom país progressista europeu”. Houve menções positivas às figuras de Greta Thunberg e o movimento *Extinction Rebellion*. Notou-se que não houve críticas à educação sexual ou LGBT nas escolas e grande apoio ao multiculturalismo. Diferentemente do UKIP, o SNP reconhece que há emergência climática. É um pensamento geral que a independência seria melhor para a Escócia em termos de cultivar e exportar energia renovável, bem como lutar contra a mudança climática e impedir a proliferação de armas nucleares.

O SNP é visto como parte de um movimento nacional para a independência da Escócia, é notável que quase todos os discursos de líderes políticos do partido citaram a independência como um objetivo a ser conquistado, principalmente por conta dos impactos econômicos e sociais que sofrerão com a “loucura” do *Brexit*. Surtiram críticas aos *Tories* (Partido Conservador), ao *Brexit* e aos “brexiteers” de “extrema-direita”. O *Brexit* foi adjetivado de “caótico”, um “ato de sabotagem dos Tories”, uma “ameaça” que levará ao caos e a um desastre econômico.

O SNP almeja realizar um segundo referendo de Independência do Reino Unido para se manter na União Europeia. A União Europeia foi vista como algo essencialmente positivo, como um facilitador para a Independência escocesa, que colocará a Escócia em paridade com outras nações europeias. Outros pontos positivos do Bloco são: o mercado único, a liberdade

de movimento e os investimentos socioeconômicos dos fundos europeus. O SNP também se manifestou em se manter em instituições europeias como a Euratom e a Europol.

Ao sair da União Europeia, estima-se impactos negativos para a Pesquisa & Inovação da Escócia por conta da perda de um investimento de milhões de euros pela União. Os danos econômicos refletem também nas pensões e da proteção comercial dos produtos alimentícios escoceses. Em uma situação fora do Bloco, com a liberdade de movimento restringida, implicaria para os escoceses uma diminuição do número de estudantes e acadêmicos nos programas Europeus de educação viajando para a Escócia, bem como na entrada de turistas. Por tais motivos o suporte para a independência da Escócia está subindo. Houve a motivação de criação de uma moeda nacional e um sistema bancário nacional e o esforço atual de atingir a autonomia da Escócia por meio de uma cooperação através da Europa.

Concluindo, verificou-se que o UKIP possui, não só uma visão populista, mas nacional-excludente. Enquanto crenças como o populismo, o euroceticismo, o anti-elitismo e a anti-imigração influenciam o nacionalismo do UKIP, por sua vez, o SNP apoia o multiculturalismo e a migração, a fim de "modernizar" o nacionalismo. Enquanto o UKIP rejeita o multiculturalismo e a uma suposta "islamização da Grã-Bretanha", apresentando uma visão étnica nacional, o SNP mantém apoio ao multiculturalismo e ao nacionalismo cultural e cívico. Ambos os partidos não creem necessariamente em "devolução", enquanto o UKIP se mostra um partido unionista, o SNP rejeita a devolução pois almeja em última forma a independência (*i.e* plenos poderes).

Por fim, verificou-se que ambos os partidos utilizam do discurso em torno da Independência, porém cada qual a sua maneira. Enquanto que para o UKIP independência significa o povo se autogovernar e estar fora da União Europeia, protegendo sua soberania e sua tradição, por outro lado, para o SNP, independência significa a possibilidade de adquirir a condição de Estado-Nação soberano dentro da União Europeia, aproveitando as parcerias internacionais. Para o UKIP, estar fora da União Europeia significa que sua Política Externa e seu Comércio Internacional não estarão mais presos às diretrizes do Bloco. Para o SNP, estar no Bloco significa mais autonomia e a condição de "nação" lado a lado com outras nações europeias.

Quadro 1 – comparação entre UKIP e SNP

	UKIP	SNP
POVO	O UKIP utiliza do apelo populista para angariar eleitorado, o partido se identifica como “movimento espontâneo” e fruto do povo. Notou-se que há apelo ao povo, apelo ao povo como soberano e apelo ao povo como britânico.	O SNP não utiliza do apelo populista como o UKIP, existem poucas menções ao povo como soberano e ao povo/trabalhador comum.
NAÇÃO	Utiliza da metafórica conceitual de povo atrelado à nação, em uma perspectiva étnica-cultural, quando se trata de colocar os nacionais britânicos como prioridade em relação à outros.	O SNP é visto como parte de um movimento nacional. Houve menções positivas à figuras nacionalistas escocesas. A nação escocesa é atrelada ao independentismo.
ELITE	Foram direcionadas críticas à “elite”, que está distante do povo. A “elite” pode ser caracterizada em três aspectos: elite política (partidos políticos <i>mainstream</i> do Reino Unido e a elite escocesa), elite midiática (Figuras individuais e a BBC) e elite da União Europeia.	Não houve críticas à elite, mas uma visão hostil ao governo do Reino Unido e ao <i>Conservative Party</i> .
VONTADE GERAL DO POVO	Menciona a vontade geral do povo atrelado a decisão de sair da União Europeia.	Menciona a vontade geral do povo atrelado ao futuro da Escócia como independente.
AMEAÇAS	As ameaças podem ser divididas em cultural (o marxismo cultural, a imigração em massa, o Islã e o politicamente correto) e socioespacial (lotação de serviços de saúde e habitação).	A única ameaça é o Governo “caótico” do Reino Unido.

UNIONISMO E DEVOLUÇÃO	Rejeita a “devolução”, é um partido unionista.	Não crê necessariamente em devolução pois almeja em última forma a independência ( <i>i.e</i> plenos poderes).
MULTICULTURALISMO E IMIGRAÇÃO	Rejeita o multiculturalismo e uma suposta “islamização da Grã-Bretanha”.	Apoia a imigração e o multiculturalismo. É inclusivo e progressista.
UNIÃO EUROPEIA	É um partido eurocético. A União Europeia é essencialmente negativa e restringe a soberania do país. A elite política da União é caracterizada como “corrupta” e “tirânica”.	A União Europeia foi vista como algo essencialmente positivo, como um facilitador para a Independência escocesa. Existe um esforço de atingir a autonomia da Escócia por meio de uma cooperação através da Europa.
BREXIT	O <i>Brexit</i> é uma decisão soberana do Reino Unido.	O <i>Brexit</i> foi adjetivado de “caótico” e “loucura”, e que trará impactos econômicos e sociais negativos para os escoceses.
INDEPENDÊNCIA	A independência significa o povo se autogovernar e estar fora da União Europeia, protegendo sua soberania e sua tradição, por outro lado. sua Política Externa e o Comércio Internacional do país não estarão mais presos às diretrizes do Bloco.	A independência significa mais autonomia, aproveitar as parcerias internacionais e a possibilidade de adquirir a condição de Estado-Nação soberano dentro da União Europeia, lado a lado com outras nações europeias.

Fonte: elaborado pelo próprio autor (2020)

## CONCLUSÃO

Foi feita a investigação do conceito do nacionalismo na tentativa de descobrir sua importância aos olhos dos teóricos do Realismo das Relações Internacionais. Partindo da ideia de que nacionalismo é uma força poderosa na política internacional e que ele é central para o campo de estudos das RI, pode-se compreender que existem similaridades fundacionais entre os campos do nacionalismo e do realismo das RI, ambos tratam de fenômenos entrelaçados e expressam motivações para um Sistema Internacional baseado em Estados-Nação. Para ambas as correntes, os principais atores do Sistema Internacional são os Estados, ambas são estadocêntricas, particularistas, não-universalistas e privilegiam a sobrevivência.

Sob o contexto atual de ascensão euro-nacionalista, buscamos entender a relação de dois partidos políticos do Reino Unido, o *United Kingdom Independence Party* (UKIP) e o *Scottish National Party* (SNP), com sua identidade nacional. Notou-se que os dois partidos tiram capital político de temas pertinentes ao nacionalismo, porém cada qual a sua maneira. Enquanto crenças como o populismo, o euroceticismo, o anti-elitismo e a anti-imigração influenciam o nacionalismo do UKIP, por sua vez, o SNP apoia o multiculturalismo e a migração, a fim de "modernizar" o nacionalismo. Enquanto o UKIP rejeita o multiculturalismo e a uma suposta "islamização da Grã-Bretanha", apresentando uma visão étnica-nacional, o SNP mantém uma postura pró-europeia, pró-imigração com apoio ao multiculturalismo e ao nacionalismo cultural e cívico.

Utilizando como material os discursos de conferência e também os manifestos oficiais dos partidos, pudemos agrupar os discursos em tópicos semelhantes e assim fazer a análise política retórica. Notou-se que ambos os partidos são independentistas. Verificou-se que para o UKIP independência significa o povo se autogovernar e estar fora da União Europeia, protegendo sua soberania e sua tradição. Para o SNP, independência significa a possibilidade de adquirir a condição de Estado-Nação soberano dentro da União Europeia, aproveitando as parcerias internacionais. Para o UKIP, estar fora da União Europeia significa que sua Política Externa e seu Comércio Internacional não estarão mais presos às diretrizes do Bloco. Para o SNP, estar no Bloco significa mais autonomia e a condição de "nação" lado a lado com outras nações europeias.

## REFERÊNCIAS

ABEDI, Amir; LUNDBERG, Thomas Carl. Doomed to Failure? UKIP and the Organisational Challenges Facing Right-Wing Populist Anti-Political Establishment Parties. *Parliamentary Affairs*, Vol. 62, No. 1, pp. 72-87, 2009.

AITKEN, Robin. “Robin Aitken speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (32:40 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LjngSOYU0N8> Acesso em: 19/09/2020

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities. Reflections on the Origin and the Spread of Nationalism*. Verso, 1983.

ANDERSON, Heather. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th AM”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (4:22:00 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nB\\_SmmgU6ao&t=9120s](https://www.youtube.com/watch?v=nB_SmmgU6ao&t=9120s) Acesso em: 22/09/2020

ARMSTRONG, Martin. UK: A Divided Nation. **STATISTA**. 24 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/5100/uk-chooses-brexit/> Acesso em 22/08/2020.

ARNOTT, Arnott; OZGA, Jenny. Nationalism, governance and policymaking in Scotland: The Scottish National Party (SNP) in power. *Public Money & Management*, Vol. 30, No. 2, pp. 91-96, 2010.

BAYLIS, John et al. *The Globalization of World Politics: an introduction to International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

**BENELUX**. L’histoire de l’Union Benelux. Disponível em: <https://www.benelux.int/fr/benelux-unie/histoire/> Acesso em 11/09/2020.

BENNET, Gareth. “Gareth Bennett speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (19:04 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99OLwFNW2mI> Acesso em: 19/09/2020

BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de Política*. Vol. 1. UnB, 1998.

BOFFEY, Daniel. “Orbán claims Hungary is last bastion against 'Islamisation' of Europe”. **THE GUARDIAN**. 19 fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/feb/18/orban-claims-hungary-is-last-bastion-against-islamisation-of-europe> Acesso em: 29/09/2019

BLACKFORD, Ian. “SNP Conference 2019 - Sunday 28th Session 4”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (2:23:57 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=di\\_gs9cs8vg](https://www.youtube.com/watch?v=di_gs9cs8vg) Acesso em: 24/09/2020

BRAINE, Richard. “Richard Braine video message at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (09:09 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qKV9b6cI3g4> Acesso em: 20/09/2020

BREEZE, Ruth. Positioning “the people” and its Enemies: Populism and Nationalism in AfD and UKIP. *Javnost - The Public*, Vol. 26, No. 1, p. 89-104, 2018.

BROCK, Deidre. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th AM”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (4:22:00 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nB\\_SmmgU6ao&t=9120s](https://www.youtube.com/watch?v=nB_SmmgU6ao&t=9120s) Acesso em: 22/09/2020

CARLOTTI, Benedetta. The odd couple: analyzing United Kingdom Independence Party (UKIP) and Italian Five Stars Movement’s (FSM’s) European Union (EU)-opposition in the European Parliament (EP). *Italian Political Science Review/Rivista Italiana di Scienza Politica*, Vol. 48, No. 2, pp. 197-220, 2017.

CLARKE, Harold et alia. Modelling the dynamics of support for a right-wing populist party: The case of UKIP. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, Vol. 26, No. 2, pp. 135-154, 2016.

CUTTS, David et alia. Defeat of the People's Army? The 2015 British general election and the UK Independence Party (UKIP). *Electoral Studies*, Vol. 48, pp. 70-83, 2017.

DARDANELLI, Paolo. Ideology and rationality: the Europeanisation of the Scottish National Party. *Österreichische Zeitschrift für Politikwissenschaft*, Vol. 32, No. 3, pp. 271-284, 2003.

ENGSTRÖM, Robin. The (dis)continuation of Scottish nationalism? A discursive comparison of the Scottish National Party and National Collective. *Journal of Political Ideologies*, Vol. 23, No. 1, pp. 97-115, 2018.

European Election: United Kingdom Result. **BBC NEWS**. 14 de junho de 2004. Disponível em: [http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/vote2004/euro\\_uk/html/front.stm](http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/vote2004/euro_uk/html/front.stm) Acesso em: 26/08/2020.

FINLAYSON, Alan. From Beliefs to Arguments: Interpretive Methodology and Rhetorical Political Analysis. *The British Journal of Political and International Relations*, Vol. 09, No. 4, pp. 545-563, 2007.

FINLAYSON, Alan. Political science, political ideas and rhetoric. *Economy and Society*, Vol. 33, No. 4, pp. 528-549, 2004.

FORD, Robert et alia. Strategic Eurosceptics and polite xenophobes: support for the United Kingdom Independence Party (UKIP) in the 2009 European Parliament elections. *European Journal of Political Research*, Vol. 51, No. 2, pp. 204-234, 2012.

FREEMAN, Jeane. “SNP Conference 2019 - Sunday 28th Session 4”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (2:23:57 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=di\\_gs9cs8vg](https://www.youtube.com/watch?v=di_gs9cs8vg) Acesso em: 24/09/2020

GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Basil Blackwell, 1983.

GRIFFITHS, Martin; SULLIVAN, Michael. Nationalism and International Relations Theory. *The Australian Journal of Politics and History*, Vol. 43, No. 1, pp. 53-66, 1997.

HAAS, Ernst B. What is Nationalism and Why Should We Study it? The MIT Press. *International Organization*, Vol. 40, No. 3, (Summer, 1986), pp. 707-744.

HAYTON, Richard. The UK Independence Party and the politics of Englishness. *Political Studies Review*, Vol. 14, No. 3, pp. 400-410, 2016.

HAYTON, Richard. Towards the Mainstream? UKIP and the 2009 Elections to the European Parliament. *Politics*, Vol. 30, No. 1, p. 26-35, 2010.

HAMILTON, Neil. “Neil Hamilton Speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (27:50 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N54DsZo83io> Acesso em: 19/09/2020

HAMLYN, Chris. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th Session 2”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (3:13:13 horas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmkaSnoVSdk&t=1610s> Acesso em: 23/09/2020

HENDRY, Drew. “SNP Conference 2019 - Sunday 28th Session 5”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (1:15:09 horas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYWla7NwSO0> Acesso em: 25/09/2020

HOBSBAWM, Eric J. *Nations and nationalism since 1780: Programme, myth, reality*. Cambridge University Press, 1990.

HOPKINS, Katie. “Katie Hopkins speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (21:48 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JFfYSDpHJAI> Acesso em: 19/09/2020

JUDIS, John B. *The Nationalist Revival: Trade, Immigration, and the Revolt Against Globalization*. Columbia Global Reports, 2018.

KETTUNEN, Pauli. The concept of nationalism in discussions on a European society. *Journal of Political Ideologies*, Vol. 23, No. 3, pp. 342-369, 2018.

KOSTAGIANNIS, Konstantinos. Hans Morgenthau and the tragedy of the Nation-State. *The International History Review*, Vol. 36, No. 3, pp 513-529, 2014.

KOSTAGIANNIS, Konstantinos. *Realist thought and the Nation-State. Power Politics in the age of Nationalism*. Palgrave Macmillan, 2018.

KURTEN, David(a). “David Kurten speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (21:01 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CX0gupCBPf0> Acesso em: 19/09/2020

KURTEN, David(b). “David Kurten 2nd speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (19:21 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTQmOUTJTU4> Acesso em: 20/09/2020

LOCKHEAD, Richard. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th AM”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (4:22:00 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nB\\_SmmgU6ao&t=9120s](https://www.youtube.com/watch?v=nB_SmmgU6ao&t=9120s) Acesso em: 22/09/2020

LYNCH, Philip et alia. The UK Independence Party: Understanding a niche party's strategy, candidates and supporters. *Parliamentary Affairs*, Vol. 65, No. 4, pp. 733-757, 2011.

MEARSHEIMER, John J. Bound to Fail. The Rise and Fall of the Liberal International Order. *International Security*, Vol. 43, No. 4, (Spring, 2019), pp. 7-50.

MEARSHEIMER, John J. Kissing cousins: Nationalism and realism. In: *Yale Workshop on International Relations*. 2011.

MEARSHEIMER, John J. The Great Delusion: Liberal Dreams and International Realities. Yale University Press. 2018.

MCKAY, Donald. “Donald MacKay speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (21:20 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t6BDaFc1ixk> Acesso em: 21/09/2020

MORGENTHAU, Hans. *A Política entre as Nações: A luta pelo poder e paz*. Coleção Clássicos IPRI, 2003 [1955].

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. What is Populism? *Populism: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2017.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Studying Populism in Comparative Perspective: Reflections on the Contemporary and Future Research Agenda. *Comparative Political Studies*, Vol. 51(13), pp. 1667-1693, 2018.

MUSWELL, Pete. “Pete Muswell speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (24:30 min.). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RCwxd5l\\_QW8](https://www.youtube.com/watch?v=RCwxd5l_QW8) Acesso em: 21/09/2020

MYCOCK, Andrew. SNP, identity and citizenship: Re-imagining state and nation. *National Identities*, Vol. 14, No. 1, pp. 53-69, 2012.

NASCIMENTO, Paulo César. Dilemas do Nacionalismo. *Revista brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. No. 41, pp. 33-53. São Paulo: ANPOCS. 1996.

**PARLAMENTO DO REINO UNIDO**. Background to the UK's EU referendum 2016. 2016. Disponível em: <https://www.parliament.uk/business/publications/research/eu-referendum/background-uk-eu-referendum-2016/> Acesso em 22/08/2020.

**PARLAMENTO EUROPEU**. Results of the 2014 European elections. 2014. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/elections2014-results/en/country-introduction-2014.html> Acesso em: 23/08/2020.

**PARLAMENTO EUROPEU**. European election results. 2019. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/election-results-2019/en> Acesso em: 23/08/2020.

RAMSAY, Bill. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th Session 2”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (3:13:13 horas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmkaSnoVSdk&t=1610s> Acesso em: 23/09/2020

RUSSELL, Michael. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th AM”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (4:22:00 horas). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nB\\_SmmgU6ao&t=9120s](https://www.youtube.com/watch?v=nB_SmmgU6ao&t=9120s) Acesso em: 22/09/2020

“Scottish referendum: Scotland votes 'No' to Independence”. **BBC NEWS**. 19 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-scotland-29270441> Acesso em: 01/09/2020.

SNP. Stronger for Scotland. 2019. Disponível em: <https://www.snp.org/policies/> Acesso em: 29/09/2020

STURGEON, Nicola. “Nicola Sturgeon's #SNP19 address”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (57:12 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEsj2jO9lmM> Acesso em: 25/09/2020

SWINNEY, John. “SNP Conference 2019 - Saturday 27th Session 2”. Publicado pelo canal Scottish National Party (SNP), setembro 2019. 1 Vídeo (3:13:13 horas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmkaSnoVSdk&t=1610s> Acesso em: 23/09/2020

TALBOT, Carrie. “Carrie Talbot speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (19:59 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3WPEXyZTffs> Acesso em: 20/09/2020

UKIP. Manifesto for Brexit and Beyond. 2019. Disponível em: <https://www.ukip.org/our-policies> Acesso em: 27/09/2020

**UNIÃO EUROPEIA(a)**. A história da União Europeia. Disponível em: [https://europa.eu/european-union/about-eu/history\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/history_pt) Acesso em 11/09/2020.

**UNIÃO EUROPEIA(b)**. Tratados da EU. Disponível em: [https://europa.eu/european-union/law/treaties\\_pt](https://europa.eu/european-union/law/treaties_pt) Acesso em 11/09/2020.

WARRENDER, Ernie. “Ernie Warrender speech at UKIP conference 2019”. Publicado pelo canal UKIP, setembro 2019. 1 Vídeo (15:09 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hL-xY8NIXKA> Acesso em: 20/09/2020